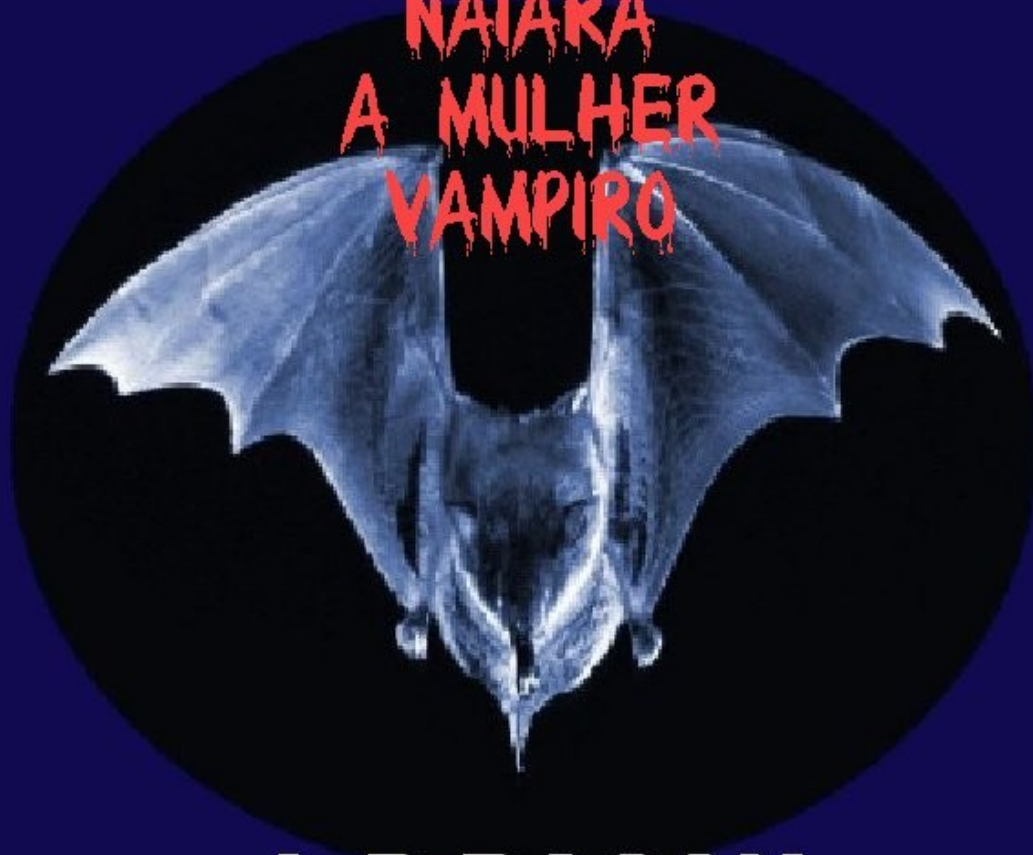


DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

NAIARA
A MULHER
VAMPIRO



L P BACAN



NAIARA, A MULHER VAMPIRO

L P Baçan



Edição Eletrônica: L P Baçan

All rights reserved

Copyright © 2017 do Autor

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Venda Proibida.

2017

livro oito

NAIARA, A MULHER VAMPIRO

CAPÍTULO 1

A enorme lua no céu espalhava calma, beleza e romantismo pelos campos lavados e pelas colinas desfolhadas.

O vento deixara de soprar e o clima de inverno próximo se desmanchava no perfume da terra molhada com cheiro de uma primavera temporã.

Ao redor da fogueira que projetava sombras tremidas no chão úmido, o grupo de estudantes estava apreensivo e assustado. Quando Domênico deixou o furgão e caminhou até lá, todos os olhos cansados se voltaram para ele.

— Como ela está? — indagou Magda, apertando contra o peito o cobertor de lã, sentindo um frio intenso dominar-lhe a alma e uma sensação angustiante e indescritível oprimir-lhe o peito.

— Muito agitada... Mal...

— O que vamos fazer? — quis saber Giglio.

O olhar de Domênico foi vago, revelando sua indecisão. Estavam aturdidos pelos acontecimentos. Ninguém dizia nada, mas a tensão se estampava em seus rostos.

Um estalido na fogueira, uma pedra que rolava da colina, um ruído anormal, tudo acelerava seus corações e os fazia sobressaltar.

Um grito de mulher, repentinamente, gelou a medula. As garotas se encolheram, os rapazes crisparam suas mãos ao redor dos cabos das ferramentas que deixaram por perto das escavações.

Todos tinham medo, embora não conseguissem definir de onde ele vinha. Era um pavor que os cercava, impregnando-os e influenciando-os, como se larvas do mal pairassem no ar fresco da noite e fossem penetrando lentamente suas peles.

— Eu não agüento mais! — desabafou Domênico, tomando uma garrafa das mãos de Giglio e levando-a aos lábios. — Ela está morrendo... Esses gritos... Diabos! Temos de fazer alguma coisa!

Magda se levantou e caminhou até o furgão. Abriu lentamente a porta traseira. Sobre a cama improvisada, Naiara se contorcia em dores e em pavor.

O suor molhava seu corpo e seus olhos, que nada viam, abriam-se desmedidamente, injetados, inquietos, assustadiços.

Magda girou sobre os calcanhares e retornou para junto dos outros. Encarou Domênico com desespero.

— Temos de levá-la até Saluzzo — disse, numa súplica.

— Impossível! A estrada está impraticável. Se ao menos ventasse, haveria possibilidade de secar esse barro todo. Além disso, ela sofreu uma pancada violenta na cabeça. Não podemos nos arriscar aos solavancos.

— Mas ela se agita tanto... Tão transfigurada...

Um grito cortou os ares, angustiado, aterrorizado, como se uma navalha dividisse a noite em duas partes sangrentas.

Todos se encolheram. Alguns levaram as mãos aos ouvidos, apertando-as como se quisessem obter o silêncio.

— Já fizemos o possível... Temos de esperar. Tenho sonífero no estojo de pronto-socorro.

Todos os olhares se voltaram para ele, suplicando.

Madrugada.

Agitando-se no leito, Naiara tinha instantes de lucidez, alternados com momentos de pavor indescritível. As cenas se desenrolavam e se repetiam em sua mente como seqüências macabras de um pesadelo tétrico.

A figura sinistra de presas pontiagudas e olhar magnetizante se alternava com aquela outra, descarnada e enigmática.

O Licorne estava lá, junto dela, imóvel como uma sombra, até que o sangue que escorria dela fosse molhar os ossos ressequidos de seu pé animalesco.

Um grito agigantou-se novamente no peito de Naiara, porejada de suor, agitada e febril, ecoando metalicamente pelas paredes do furgão.

A sombra grotesca deixara a figura hedionda do Licorne e se debruçava sobre ela. Então suas lembranças eram confusas, numa seqüência alucinante de cenas que jamais haviam sido vistas por ela.

Danças infernais, sacrifícios humanos, sangue esguichando de corpos nus e manchando paredes, um chifre pontiagudo projetado contra a pedra, casco revelando pelo chão numa trilha apavorante, fogo ardendo sobre lenhos cruzados a exalar um odor fétido de matéria em decomposição.

O festim orgíaco chegava a um clímax de gritos indecifráveis e sensações fortes, espasmódicas de um prazer que Naiara jamais experimentara antes, como se seu corpo vivesse um transe alheio, onde o sadismo e a maldade fossem o prazer da criatura que habitava sua carne agora.

Sentia-se esbraseada, mas, nitidamente na madrugada, sentiu o sopro frio do ar úmido. Os olhos abertos, por momentos, viram o forro branco do furgão e um pressentimento incomum retorceu seu corpo numa ânsia desesperada.

Apesar da dor que latejava em sua cabeça, arqueou-se para olhar para trás. Gritou, horrorizada, ao ver aquela sombra negra de morcego debater-se diante da porta, banhada de luz.

Encolheu-se em seguida, sentindo-se dominada por um instinto bestial de defesa. Estava fraca, sentia-se fraca e urrava de ódio diante da impotência em erguer-se e enfrentar o inimigo.

Drácula avançou, confiante, seguro de si, sequioso de concluir o que deixara incompleto. Aquela bela mulher não estava morta como supunha. Fizera bem em se deixar levar pela inquietação e desejar se certificar.

Aproximou-se. Naiara se retorceu sobre o leito, as faces transfiguradas, os olhos injetados e raivosos. Suas mãos crispavam-se como garras. Sua boca tomou a forma de mandíbulas ferozes.

Drácula rosou, estranhando as sensações deitadas pelo seu instinto. Sentira aquilo antes, na caverna, quando estivera lá. Agora, diante de Naiara, um ser frágil e impotente, voltava a sentir a mesma coisa.

O que se passava? Por que eriçava todo e suas pernas se sobressaiam com tanto ódio, fitando as tentativas desastradas daquela mulher ferida em se por em pé?

O que lhe parecia impossível aconteceu. Naiara cambaleou apoiando-se à parede do outro lado, olhando-o malignamente, antagonicamente.

Drácula urrou e recuou um passo, estremecido. A disposição agressiva que via nos olhos chamejantes da mulher anunciavam um perigo extremo.

Compreendeu que algo acontecera, que alguma coisa se apossara daquele corpo. Um ente tão maligno quanto ele, tão perverso e sedento de destruição quanto seus piores instintos.

Algo ocorrera naquela caverna. Alguma coisa se libertará e apossara da mulher. O desafio estava no ar. Naiara adiantou os braços, agitando-os em movimentos rápidos e cortantes, as finas unhas rebrilhando vermelhas como garras.

O Príncipe das Trevas saltou fora o furgão. Ao redor tudo era silêncio.

Nas barracas, dominadas pelo sonífero distribuído por Domênico, todos dormiam pesadamente.

Naiara avançou, cambaleando a princípio, decidida após sentir que forças gigantescas nasciam em seu corpo, vindas do poder do mal.

Queria lutar contra isso, mas seu pavor pela figura de Drácula despertava seu instinto de defesa, que recorria a tudo que estivesse ao seu alcance.

Gradativamente a força se impôs e, num grito lancinante, projetou-se no espaço, buscando o vulto negro do vampiro, atracando-se a ele numa luta mortal.

Suas unhas rasgaram tecidos e feriram a pele do morcego-humano. A dor foi algo novo dentro dele. Aquelas garras não eram físicas. Significavam um poder maior e capaz de feri-lo e destruí-lo.

Reagiu, rosnando ameaçadoramente, buscando o pescoço de Naiara, que compreendeu a ameaça e tentou evitá-la. Suas unhas traçaram sulcos avermelhados sobre o rosto dele, arrancando pele e carne que exalaram um odor pútrido e repugnante.

Drácula a empurrou violentamente, esperando jogá-la para longe. Naiara rolou sobre o terreno úmido e se pôs em pé, os olhos injetados fitando as próprias mãos.

Rosnou qualquer coisa incompreensível, enquanto lambia um a um seus dedos, mascando o que arrancara do corpo do vampiro.

— Nohasti maganif! — murmurou Drácula. — Cavasti Licorne! — urrou em seguida, reconhecendo o que tinha diante de si.

Naiara riu, um riso perverso e zombeteiro que provocou a ira total do vampiro. Ele abriu os braços e das roupas esfrangalhadas pelas garras da mulher asas negras se projetaram.

Ele voou para cima dela, chocando seus corpos, desequilibrando-a, jogando ao chão. Saltou sobre suas costas, prendendo-se com firmeza e cravando seus dentes ao pescoço dela. Um sangue morno jorrou para seus lábios.

Gorgolejando e ofegando, sugou cada gota que lambuzava a pele alva e macia, enquanto ela, inutilmente, tentava se libertar das garras de seu carrasco.

Torg obedecia às ordens de seu amo. Empilhara os crucifixos e as delicadas imagens barrocas a um canto e despejara querosene, ateando fogo.

Depois foi remover os corpos massacrados por Drácula na fazenda de Lauro Marettino. Estacou na ampla sala destruída, olhando os cadáveres imóveis. Um vago cheiro de sangue pairava no ar, mas, acima dele, havia um perfume de mulher, excitante, provocante.

Girou ao redor de si mesmo, auscultando o ar, depois olhou a escadaria que levava ao pavimento superior da casa. Resmungou qualquer coisa enquanto se esforça para pôr em pé a pesada mesa tombada.

Aquele perfume de mulher continuava solto, insistente como um apelo que tocasse seus instintos mais adormecidos. Remexeu-se, inquieto e foi até o cadáver mais próximo.

Olhou-o com inveja. Apesar da expressão de horror daquele rosto, reconhecia nele um belo rapaz. Seus pensamentos se distanciaram, conduzidos por uma vaga esperança, alimentada ano após ano, até a ressurreição de Drácula.

Poderia ter um corpo como aquele, másculo, vigoroso, fascinante, capaz de atrair as mulheres e submetê-las a si.

Suspirou, mordendo o lábio inferior em seguida. Seu pé se ergueu, depois pisoteou como pata furiosa o rosto pálido e imóvel, esfregando sobre a pele morta a áspera sola de seu sapato.

— Maldita beleza inútil! — exclamou, num tom choroso, ajoelhando-se e acariciando piedosamente o rosto marcado e esfolado de Agostino Massera.

Olhou-o durante algum tempo, depois se ergueu lentamente, um crisar repugnado no canto de seus lábios. Respirou fundo e aquele perfume sutil e embriagador provocou seus sentidos numa deliciosa vertigem.

Voltou a fixar seu olhar na escadaria, galgando um a um os degraus, avançando pelo corredor escuro, parando diante de uma porta e imaginando a bela jovem que jazia adormecida.

Era a filha do proprietário daquela fazenda, invadida por Drácula e devastada impiedosamente. A certeza de um corpo morno e aconchegante, transbordando feminilidade e juventude, fez eriçar sua pele.

Estremeceu. Drácula poderia retornar a qualquer momento. Precisava limpar a sala. Baixou suas enormes mãos e agarrou o cadáver de Agostino, o empregado da fazenda, pelas axilas e o foi arrastando para fora da casa, na direção da grande vala que abrirá além do curral.

Passou junto à cerca, onde os animais se moviam inquietos, como se sentissem o cheiro da maldade no ar. Na terra úmida, os pés de Agostino traçavam duas trilhas paralelas de imobilidade e morte.

Junto à vala, Torg hesitou. A lua cheia banhava o rosto do cadáver, ocultando as manchas deixadas pelo atrito da sola áspera.

Uma idéia desesperada passou pela mente de Torg. Não tinha o poder de Drácula sobre a vida, mas seus conhecimentos sobre magia negra e feitiçaria poderiam lhe valer.

Seria uma tentativa absurda e arriscada. Num corpo mortal, seria vulnerável, frágil diante da ira do vampiro. Mas o que poderia ser pior que aquele corpo aleijado e repugnante, cuja passagem assustava crianças e afastava toda e qualquer tentativa de aproximação com uma mulher.

Olhou para o céu limpo, onde apenas o disco prateado da lua se destacava, ofuscando até o brilho das estrelas longínquas.

Drácula pretendia descansar naquela fazenda, recuperando-se.

Haveria tempo. Haveria uma oportunidade. Secretos ritos de magia negra poderiam ser tentados. Sua alma amaldiçoada poderia habitar o corpo jovem e bonito de Agostino Massera. Se isso ocorresse, teria vida própria e servir Drácula não seria mais seu objetivo único.

Se conseguisse superar seu mestre, poderia voltar a viver, a freqüentar ambientes luxuosos, a entregar-se à volúpia da carne, quebrando um jejum de um século.

Estremeceu, olhando de um lado para outro. Poderia encontrar todo o necessário naquela fazenda. Apressou-se. Agarrou firme o corpo imóvel daquele jovem e arrastou-o para o depósito escuro.

Depois, movido por uma febrilidade jamais sentida antes, retornou à casa principal para continuar seu trabalho. Foi até a cozinha e vasculhou gavetas, até encontrar uma faca de açougueiro.

Prendeu-a ao cinto e foi para a sala, apanhar o corpo do ex-proprietário da casa. Levou-o até junto da vala. Depois, num ritual macabro e impiedoso, esquartejou-o, jogando os pedaços ensangüentados para dentro da cova.

A fogueira dos crucifixos e santos ainda ardia, jogando uma luz fantasmagórica sobre o corpo retorcido e curvado do corcunda, projetando sua sombra contra a parede logo atrás, assustando ainda mais o gado inquieto.

A lembrança de uma canção picante de tempos antigos bailou em sua cabeça e ele soletrou-a entre murmúrios, enquanto finalizava seu macabro trabalho.

O corpo de Lauro Marettino estava amontoado, agora dentro da sepultura improvisada. Com uma agilidade jovial, Torg se ergueu e correu até a casa.

Agarrou a esposa do fazendeiro pelos cabelos e arrastou-a para fora. A luz da lua e a intensa expectativa despertada por sua decisão, convidada-o a extravasar aquela alegria incontida.

Segurou o corpo feminino e inerte junto do seu e bailou sobre a lama, à luz da lua, sapateando sobre poças de água arrastando consigo o corpo da mulher.

— Nadja Vam tem lindas coxas, lindas coxas torneadas; seus cabelos são dourados, sua pele é perfumada... — foi cantarolando desafinadamente, enquanto rodopiava.

Um ruflar pesado de asas enormes interrompeu-o e ele soltou o cadáver, que caiu pesadamente na lama. O vulto escuro de Drácula pousou no alpendre da casa, metamorfoseando. Por instantes o vampiro ficou ali, depois cambaleou para o interior da sala.

— Torg! Seu amaldiçoado! — berrou medonhamente.

O corcunda correu até lá.

— Estou aqui, mestre! — disse assustado com a ira que percebera no chamado do vampiro.

Drácula se voltou, ofegante, exibindo o rosto lanhado grotescamente. Sulcos avermelhados marcavam suas faces, deixando escorrer um líquido viscoso, quase negro.

— Mestre! — exclamou o corcunda, pasmado.

— Mexa-se, monstro tenebroso. Prepare um de seus unguentos mais poderosos... Quase fui destruído... O maldito Licorne! — balbuciou, deixando-se cair pesadamente numa cadeira.

Torg se aproximou. Jamais vira ferida como aquela na pele de seu amo. Ser humano algum as teria produzido. Mortal algum causaria dano ao corpo do vampiro.

— Licorne, mestre?

— Sim, ele incorporou aquela mulher... Suguei-lhe o sangue, Torg, mas isso não vai resolver. Você tem de ir lá e despedaça-la, arrancando-lhe o coração.

Torg se voltou. No horizonte, a claridade da manhã anunciava-se. No pátio, um cadáver enlameado precisava ser sepultado.

CAPÍTULO 2

O trator enlameado immobilizou-se a um canto do pátio. Apertando o casaco de encontro ao corpo, Giuseppe Santini correu na direção da cantina.

O calor gostoso produzido pela lareira envolveu-o. Ele foi até junto do fogo e estendeu as mãos, esfregando-as uma na outra.

— Que vento infernal! — exclamou, assim que viu Nuno, do outro lado do balcão, servir uma boa dose de fernet e sorrir a sua espera.

Aproximou-se e tomou um gole da bebida amarga, estalando a língua com satisfação.

— Como vão as coisas por aqui? — indagou.

— Calmo, tudo calmo...

— Não estou vendo aqueles intrometidos por aqui — observou Giuseppe, flexionando os joelhos e abaixando a cabeça para olhar pela janela.

— Estão lá — disse Nuno, com visível mal-estar.

Quedaram-se pensativos, como se o mesmo medo os invadissem e corroesse suas almas supersticiosas, olhando o dia lá fora.

O sol ia alto e as brumas espessas da manhã haviam sido empurradas pelo vento frio que soprava estranhamente, ressecando a lama da estrada gradativamente.

— Tem visto o Marettino por aqui ultimamente? — indagou Giuseppe, após terminar seu trago e esfregar as mãos.

— Ficou de aparecer está manhã. Encomendei-lhe uma lata de sua preciosa banha de porco. Não sei o que houve. Lauro jamais falha a um compromisso.

— Talvez algum problema na estrada de acesso de sua fazenda...

— É possível!

Giuseppe, então, comprou algumas coisas que precisava, depois mandou reabastecer o trator. Precisava estar de posse de todo combustível possível, já que pretendia revolver a terra antes da chegada do inverno rigoroso.

Quando estava pronto para sair, pediu outra dose de fernet e a engoliu num só gole. Esfregou as mãos e olhou lá fora, onde o vento fazia agitar galhos desfolhados.

— Vai ser difícil trabalhar a terra com esse frio. Inesperado, não? — comentou.

— Vai passar. Foi por causa da chuva — animou-o Nuno.

Giglio retornou da estrada e foi ao encontro de Domênico.

— O vento e o sol forte estão secando o barro. Acho que conseguiríamos passar com a professora — disse.

— Como vamos removê-la, principalmente depois do que houve? Eu não posso entender como ela conseguiu deixar o furgão e se enlamear daquela forma. As garotas devem estar terminando de limpá-la agora. Não sei como não morreu...

— Se isso tivesse acontecido, teria sido culpa daquele sonífero — comentou Giglio, mas Domênico preferiu não ouvir aquilo.

Coisas estranhas estavam acontecendo naquele lugar. Não conseguia compreendê-las, mas sentia medo. Um medo instintivo e primitivo que parecia emanar das pedras, da entrada da caverna, das poças de água que se secavam ao sol.

Fora o primeiro a acordar naquela manhã. Vira a cena grotesca. A professora caída no barro, pálida como um cadáver, mas com um sorriso zombeteiro nos lábios.

Além disso, aquelas pegadas ao redor dela, como se ela tivesse lutado contra alguém.

Estava apreensivo, muito apreensivo. Naturalmente assumira a liderança do grupo, mas estava às voltas com problemas insolúveis.

Naiara precisava de urgentes cuidados médicos, mas jamais poderia removê-la num jipe e mesmo no furgão. Não bastasse isso, havia o cadáver de Helena, encontrada morta num dos túneis da caverna, dilacerada, estripada.

Seu corpo estava num caixote, no compartimento de carga do furgão, mas não poderia permanecer ali indefinidamente. Houve um crime e precisava ser comunicado às autoridades.

Quem matara Helena? Quem agredira Naiara? Que vulto sinistro e macabro fora aquele que voara para fora da caverna na noite em que a professora quase fora morta?

Essas perguntas giravam em sua mente, atordoando-o. Os outros pareciam alheios, embora se notasse em seus rostos um medo silencioso e profundo.

Estavam encrocados, isso era certo. O impasse não poderia durar para sempre. Era muito sério o que tinham nas mãos. Estariam todos sob suspeitas dos horríveis acontecimentos.

Viu as garotas exaustas deixando o furgão. Em seus rostos havia um olhar atônito e assustado. Magda veio ao seu encontro.

— E então? — quis saber ele, ansioso.

— Eu não sei explicar, Domênico, mas ela está bem, incrivelmente bem, apesar daquela palidez... Cadavérica! — afirmou a garota, com uma careta repugnada no rosto. — além disso...

— Além disso? — ajudou-a Domênico, percebendo que ela fazia um esforço enorme para prosseguir.

— Aquelas marcas no pescoço...

— Que tipo de marcas? — estranhou ele.

— Já viu picada de cobra?

— Sim, mas qual a relação?

— Imagine uma picada dessas no pescoço de uma pessoa bem sobre a veia jugular...

Um arrepio intraduzível percorreu o corpo de Domênico, fazendo-o se lembrar imediatamente de certas notícias que lera num jornal francês.

Passou por Magda e foi até o furgão. A poeta estava aberta. Sobre o leito improvisado, jazia o corpo da professora. As bandagens em sua cabeça haviam sido removidas. Ele hesitou por instantes, depois entrou.

Aproximou-se lentamente. A professora pareceu adormecida, morta, talvez, não fosse o leve, quase imperceptível, arfar de seu peito.

Inclinou-se. As garotas haviam aplicado um curativo sobre o pescoço dela. Domênico retirou com cuidado as pontas do esparadrapo e olhou, enojado, aquelas duas feridas, cercadas de um halo roxo, como se o local tivesse sido sugado ou mordiscado com violência.

A idéia que lhe veio à mente era por demais absurda, mas coerente com que lera no jornal francês. A palavra vampiro dançou em sua cabeça como uma hipótese improvável, mas absurda demais.

O que eram os vampiros? Frutos da imaginação e da superstição, assim como lobisomens, almas do outro mundo, zumbis, discos voadores e tudo o mais.

Estavam no início praticamente de um novo século. A tecnologia e a ciência tinham uma explicação plausível para todos os fenômenos e acontecimentos. Como se deixar levar por algo tão fantástico e tão sobrenatural.

Lembrou-se de Helena, encontrada morta na caverna que exploravam. Ela também tinha marcas como aquela em seu pescoço. Seu coração fora arrancado do peito e consumido. Teria sido, também, vítima do vampiro?

O vulto negro que viram na caverna na noite do acontecimento com a professora, voltou-lhe à cabeça. Poderia ser um morcego, um morcego gigante, alguma espécie em extinção ou, por que não, um mutante.

Quem poderia descrever os mistérios e segredos ocultos naquela caverna? Quem poderia dimensionar a ação devastadora e perniciosa do homem, com seus pesticidas, inseticidas, herbicidas e outras armas de um arsenal químico e biológico capaz de alterar radicalmente todo o ciclo natural das coisas, gerando aberrações como muitas que ele já estudara?

O besouro-camaleão era um deles, fruto da ação devastadora de um certo tipo poderoso de inseticida que alterara toda a estrutura molecular do inseto, tornando-o imune ao veneno e desenvolvendo nele características que a natureza jamais sonhara criar.

Lembrou-se do pequeno animal que havia sido descoberto nos arredores de Roma e mandado para as principais universidades do país para estudos.

O mesmo poderia ter ocorrido ali. Alguma coisa agira sobre os morcegos que habitavam aquela caverna, gerando uma nova e perigosa espécie.

Um fato aterrador, porém, jogava por terra essa teoria. Lembrou-se das pegadas ao redor do corpo de Naiara. Eram humanas.

A fantástica teoria do vampiro ganhou força e destaque. Se assim fosse, alguém da equipe poderia...

— Não, não! — murmurou. — O ataúde! Aquele ataúde! — lembrou-se, da misteriosa peça encontrada no fundo de uma fenda na caverna e que havia desaparecido misteriosamente.

Saltou do furgão. Giglio notou sua expressão alterada e correu até ele.

— O que houve?

— Aquele ataúde, Giglio. O que houve com ele?

— Não sabemos. Simplesmente sumiu. Por que pergunta?

— Lembra-se daquela notícia que vimos no jornal francês, antes de virmos para cá?

— Não está se referindo ao vampiro?

— Sim, isso mesmo.

— Ora, Domênico, não vai querer me fazer acreditar que...

— Espere um pouco, vamos examinar todos os detalhes — pediu Domênico, contando-lhe tudo aquilo que o atormentava.

Giglio ouviu boquiaberto. A teoria fantástica tinha sentido, mas, ainda assim, era difícil acreditar em algo tão sobrenatural, principalmente para ele, um aprendiz de cientista.

Tinha para si que todos os fatos, mesmo os mais absurdos, sempre poderiam ser explicados cientificamente. Diante de tudo aquilo que acontecera e da veemência com que Domênico expunha o assunto, sentiu-se em dúvida.

— Helena foi mordida, estava sem sangue no corpo e sem o coração. Segundo o que lemos no jornal, ela está morta definitivamente, já que a maldição do vampirismo habita o coração das vítimas. No caso de Naiara, o vampiro apenas sugou seu sangue e inoculou em seu corpo o mal. Isso explica como ela ainda está viva depois de ter a cabeça praticamente arreventada. Pense, Giglio, pelo amor de Deus. Pela lógica, uma pessoa com um ferimento daqueles na cabeça poderia estar viva?

Giglio balançou a cabeça de um lado para outro. Era absurdo conjecturar sobre aquilo. Uma idéia corajosa se apossou dele. Encarou Domênico com decisão.

— Vamos supor que o vampiro sugou todo o sangue da professora? Ela não poderia viver sem ele, não é?

— Isso é científico!

— Então vamos fazer um teste simples e decisivo.

— Como assim?

— Vamos tentar extrair um pouco de sangue do corpo da professora. Se conseguirmos, tudo o que você está dizendo não terá o menor sentido.

— E se não conseguirmos? — indagou Domênico, sombriamente.

Giglio esboçou um gesto vago, patético, amedrontado.

Torg se aproximou sorrateiramente, no alto da colina, de onde tinha uma vista total do acampamento dos pesquisadores. Tudo parecia calmo e eles ainda estavam lá.

Como descobrir, então, o que houvera naquela madrugada, capaz de irar tanto o Drácula? Ele falara sobre o Licorne. Torg se lembrava vagamente de uma lenda, mas não havia como relacionar o momento com aquilo.

No entanto, estivera lá, cuidando do corpo lanhado do vampiro. Aqueles rasgões em sua pele não podiam ter sido produzido por um ser humano.

Recuou, então, afastando-se do local. Era uma longa caminhada de volta à fazenda e estava cansado, após todo o trabalho que enfrentara noite adentro.

Sepultara todos os cadáveres, com exceção daquele jovem, cujo corpo o fascinara. Seria capaz, ainda, de realizar o prodígio?

Livrar-se daquela casca aleijada e disforme que o cobria, fazendo com que sua alma passasse a habitar aquele corpo belo e viril?

Todo o necessário estava ao seu redor. Drácula conhecia o meio. Torg se lembrava dele vagamente, mas jamais o fizera antes.

Sua submissão ao vampiro sempre fora maior que qualquer outra preocupação, apesar de acalenta aquele sonho ao longo dos anos em que aguardara a ressurreição do mestre.

Drácula, no entanto, jamais estivera preocupado em dar a Torg um corpo digno. Parecia se comprazer em vê-lo estropiado daquela forma.

Era uma espécie de desprezo maior que magoava o corcunda e despertava nele uma raiva cega contra o vampiro. Rebelar-se e exigir aquilo a que tinha direito seria desafiar o poderio do vampiro e isso despertaria sua ira total.

Torg já a conhecia e tinha medo. Um medo que, gradativamente, porém, ia sendo vencido pela própria ansiedade em se ver livre de suas frustrações.

Quando chegou a fazenda, a tarde ia pelo meio. Tudo estava calmo. Um silêncio mortal pairava sobre as construções. No curral e no estábulo, os animais estavam imóveis, silenciosos, como se percebessem o perigo que os rondava e quisessem passar despercebidos a qualquer custo.

O corcunda rumou direto para o depósito onde ocultara o corpo do empregado da fazenda. Aproximou-se. Lá estava ele, estendido sobre o estrado de pelar animais. O vento frio que soprava agitava seus cabelos sujos de barro. Torg parou diante do corpo que poderia ser o seu.

Uma coisa precisava ser feita com urgência: preservá-lo contra as larvas da decomposição. O corcunda se voltou e olhou a posição do sol. Se se apressasse, ainda poderia fazer isso.

Domênico fechou a porta do furgão, depois foi se sentar à boca da caverna. Giglio se aproximou dele, segurando pateticamente uma seringa hipodérmica vazia. Olharam-se. O terror estava estampado em seus olhos.

Giglio ainda estava pasmado. Domênico parecia aceitar o fato, embora suas conseqüências ainda lhe fossem desconhecidas.

— Como pode? — indagou Giglio, soltando a seringa, depois a esmagando sob seu pé.

— No entanto... — tentou dizer Domenico, mas algo opressivo e angustiante sufocou-lhe a voz.

A cena se repetia diante de seus olhos. Inutilmente haviam tentado localizar uma das veias do corpo da professora. Todas, indistintamente pareciam retraídas, secas, mortas. Espetaram-lhe o corpo com a agulha, mas nem uma gota de sangue britara das picadas.

Mas ela estava viva, pálida e viva, respirando como um animal hibernado, as faces tranquilas e aquele zombeteiro sorriso marcando seus lábios, como que a rir do mundo, das coisas todas e do próprio destino.

Giglio se sentou numa das pedras ao lado de Domênico, depois ficou olhando para o amigo, como que a esperar uma palavra que desmentisse ou justificasse tudo aquilo que o confundia.

A expressão do rosto de Domênico, no entanto, apenas comprovava que tudo era real e aterrorizante.

— O que vamos fazer? O que ela fará? Como vai ser? — indagou pateticamente Giglio.

— Eu não sei... Eu juro que não sei... — Escute... Lembra-se bem da notícia? Havia o nome de um homem, um professor...

— Hilgenstilller...

— Isso mesmo. Talvez ele tenha as respostas que procuramos.

Domênico se pôs em pé num salto. Em sua mente elaborara o que deveria ser feito a seguir. Encarou Giglio.

— Você vai até o posto de gasolina. Tenho um cartão de crédito comigo. Use-o para tentar localizar aquele professor ao telefone e convencê-lo a vir para cá — decidiu.

CAPÍTULO 3

A noite chegara.

O vento soprava mais forte agora, vergastando os galhos ressequidos, arrancando macabras melodias das frestas entre as pedras da colina, agitando a lona das barracas do acampamento.

Recolhidos, os estudantes se viam cercados por uma influência maligna que apenas sentiam penetrando suas carnes, ganhando suas medidas como tentáculos frios do vento que assobiava lá fora.

Domênico era o mais aturdido de todos. Parado à porta da barraca, seus olhos se fixaram no furgão, onde repousava a professora.

No céu limpo sem nuvens, uma claridade avermelhada subia, antecedendo o nascer da lua cheia. O terror estava no ar, palpável e certo. Seu desejo era fugir dali imediatamente, mas havia os outros.

Contar-lhes sobre tudo que ele e Giglio haviam concluído seria libertar o pânico que pulsava dentro deles. O melhor a fazer era esperar. Giglio fora à procura de um telefone. Não seria uma tarefa fácil localizar aquele professor, mas precisava ter sucesso.

Olhou as outras barracas. As luzes acesas em seus interiores projetavam sombras imóveis contra a lona. Muitas das garotas rezavam. Outras ficavam em puro silêncio, talvez tentando compreender o que ocorrera entre eles.

Consultou o relógio. Se tudo tivesse corrido bem, Giglio deveria estar no posto de gasolina, telefonando. Rezou mentalmente para que ele conseguisse.

Lentamente, o disco ensangüentado da lua surgiu no horizonte, ganhando o céu em sua caminhada fixa. As estrelas que brilhavam iam tendo suas cintilações embaçadas pela claridade que dominava o espaço.

Um arrepio percorreu o corpo dele.

— Lua cheia! — murmurou ele, percebendo a importância daquele detalhe.

A relação entre a lua cheia e a atividade sobrenatural dos vampiros fora estabelecida na reportagem que lera. A sensação de que aquela seria uma noite ameaçadora se instalou em seu espírito.

— Vampiros e lua cheia — murmurou novamente. — Alho e crucifixos... Madeira...

Correu até a barraca que servia de depósito e apanhou a caixa de ferramentas. Retirou o martelo e pregos. Havia alguns caixotes onde acondicionavam tudo aquilo que encontravam.

Desmanchou um deles, quebrando as tábuas de modo a construir uma porção de crucifixos de até meio metro cada. Febrilmente pregou-os.

O barulho atraiu a atenção do pessoal nas barracas que, intrigados, cercaram-no?

— O que está fazendo, Domênico? — quiseram saber.

Ele não tinha resposta. Simplesmente continuou o que julgava ter que fazer. Assim que terminou de martelar a madeira, foi cravar um crucifixo daqueles diante da entrada de cada barraca.

— Deixem isso aí, estão entendendo? Não o tirem! — ordenou. — Agora retornem a suas barracas.

Magda caminhou até o furgão Domênico foi até ela, segurando-a pelo braço.

— Ande vai?

— Ver a professora. Acho que alguém deveria estar com ela. Não entendo por que você...

— Ela está bem... Precisa repousar. Deixe-a em paz. Volte a sua barraca.

— Mas Domênico...

— Faça o que eu disse — gritou ele, quase a empurrando para longe.

Os outros olharam-no surpreso. O medo que havia nos olhos dele os assustava, mas, ao mesmo tempo, percebiam que a falta de explicações poderia ser uma bênção.

Lentamente obedeceram-no, retornando às barracas. Domênico contemplou seu trabalho. A presença das cruces parecia devolver um pouco

de paz ao local, como se desfazendo aquela atmosfera fantasmagórica e opressiva que o cercava.

Foi para sua tenda. À porta voltou-se para olhar o furgão. Persignou-se instintivamente.

Torg caminhou pela casa às escuras, rondando o aposento onde repousava a jovem. Ela estivera ali durante todo o dia, imóvel no leito como se obedecesse a uma ordem além de suas forças.

O corcunda sabia o que isso significava. Drácula a dominava, mas, não a atacara. Na certa e reservava para uma orgia de sangue. Essa idéia atormentou o corpo deformado do corcunda. Drácula, apesar da monstruosidade, podia se aproximar de uma jovem e dominá-la sem provocar-lhe asco.

Quanto a ele, jamais garota alguma o olharia senão com piedade e nojo. Suportar por mais tempo aquela aversão natural era torturar-se.

Havia agora uma chance e isso o punha febril. Encontrara o necessário para um ritual de magia negra em que transformara o empregado da fazenda numa espécie de morto-vivo. Seu corpo não tinha mais uma alma, mas seria preservado da voracidade das larvas da morte.

Intacto, aguardaria o momento em que Torg pudesse valer-se de segredos milenares para despir-se de sua carcaça podre e vestir aquele novo e brilhante corpo.

A lua cheia firmava-se no céu e sua claridade se projetava através das vidraças para o interior dos aposentos silenciosos. O vento assobiava lá fora. Drácula ainda dormia. Era natural. Depois dos ferimentos que recebera na noite anterior, precisava repousar bem.

A lembrança da face lanhada do vampiro o intrigou. Que ente diabólico teria feito aquilo? Drácula dissera que fora o Licorne, incorporado naquela bela mulher.

O som de uma voz feminina, vindo de algum ponto da casa, alertou-o. Aguçou os ouvidos e retornou pelo corredor. Parou diante de uma porta. Do outro lado estava a garota.

— Agostino! — ouviu-a chamar. — Agostino...

Girou o trinco e empurrou lentamente a porta. Banhado pela lua, o corpo dela exibia uma beleza diáfana e desprotegida sobre o leito.

Um frêmito de emoção percorreu o corpo de Torg, que se aproximou dela.

— Agostino... Adorado! — murmurou ela, e Torg parecia sentir a doçura que havia naquelas palavras.

Invejou Agostino naquele mesmo momento, depois, surpreso, constatou a verdade. Agostino deveria ser aquele rapaz, cujo corpo ele agora preservava para ser seu.

Um brilho intenso e voluptuoso dominou seus olhos. Aquela garota amava Agostino e ele poderia ser Agostino. A idéia de beber daqueles lábios a doçura ofertada pela paixão eletrizou-o.

Recuou para a porta, dominado por uma insuportável inquietação, como se cada segundo que passasse fosse um desperdício em sua vida eterna.

Tinha de se apressar. Tinha de conseguir de Drácula os detalhes de que não se lembrava. Aquele era uma prática reservada aos piores bruxos, àqueles cujas almas pertenciam ao demônio num pacto amaldiçoado.

Drácula era um nobre, um demônio nobre e essa sua natureza lhe permitiria acesso total aos rituais mais apavorantes e misteriosos.

Torg os aprendera ao longo do tempo, num aprendizado lento e instintivo. Não tinha, porém, a segurança necessária para tentá-lo.

Apenas Drácula poderia ajudá-lo, mas o morcego-humano não cederia com facilidade. Tinha um secreto prazer em ver Torg abominar sua forma

horrenda. Parecia rir sempre que o olhava. Divertia-se com o sofrimento do servo.

Desceu para a sala de entrada. A luz banhava o pátio da fazenda. Aquela inquietação era um verme rodeando suas entranhas. Se Drácula o quisesse, naquela mesma noite Torg habitaria um novo corpo.

Um ruído quase inaudível, como o farfalhar de uma seda, o fez se voltar. No alto da escada, Drácula o olhava. Trazia algo nas mãos.

— Acenda a luz da lareira, Torg! — ordenou.

No momento seguinte a sala se banhava de luz. O corcunda foi juntar à lareira algumas lascas de lenha. O fogo crepitou, aquecendo agradavelmente.

Quando se ergueu e se voltou, viu Drácula examinando o negro pedaço de tecido estendido sobre a mesa.

— Já viu algo assim antes, Torg? — indagou.

— Há muito, muito tempo, mestre — disse, indo examinar a preciosa capa, forrada de veludo escarlate.

Drácula segurou-a pela gola e rodopiou-a num gesto elegante, jogando-a sobre os ombros. Fechou-a ao pescoço, prendendo um laço de seda trabalhando a um botão de ouro. Girou o corpo que se destacou contra o fundo escarlate. Quando se quietou, a capa moldou-se ao seu corpo como as asas fechadas de um morcego.

— Excelente para estes dias frios — murmurou o corcunda, invejando a elegância e a nobreza do mestre.

— Vou usá-la... — disse o vampiro, levantando as mãos ao rosto e Tateando-o. — Como estão as feridas?

— Curadas, mestre — afirmou o corcunda, observando.

Apenas linhas um pouco mais pálidas que o resto da pele indicavam onde o rosto havia sido arranhado.

— Você é um bom feiticeiro, Torg — riu o vampiro, aproximando-se do fogo e ficando ali, observando as chamas que saltavam e se desfaziam numa agitação incessante e inquietante.

— Onde está a garota?

— Lá em cima, mestre. No quarto.

— Ótimo! Você fez o que lhe ordenei?

— Refere-se àquela bela mulher que...

— Sim! — afirmou Drácula, voltando-se num movimento rápido, como se a voz de Torg já tivesse lhe fornecido a resposta.

— Estive lá, mestre. Não havia nada de anormal no acampamento. Todos estavam lá... Não podia fazer nada...

— Maldição! — blasfemou o vampiro e seus olhos se injetaram.

As presas malignas saltaram sobre seu lábio inferior e uma gosma formou-se nos cantos de sua boca, como se, de um momento para outro, o vírus da hidrofobia se manifestasse nele.

Torg sabia que estava diante de um dos acessos de ira do vampiro. Aquele, em especial, tinha um significado maior. Drácula estava com medo. Era difícil acreditar nisso, mas o poderoso Príncipe das Trevas traía seu temor.

— Ele vive agora, eternizado num corpo que eu imortalizei... Compreende isso, Torg? — indagou ele, após dar alguns passos apressados agitando a capa.

Torg não entendia, porém. Seu olhar pasmado apenas via o medo refletido no rosto de seu mestre.

— Nohasti maganif! Cavasti... Cavasti Licorne! — urrou o vampiro.

Torg estremeceu ante aquelas palavras. Conhecia seu significado. Um desafio pelo poder estava lançado sobre a face da terra. Um poder acima e pior que o dos truculentos e dos tiranos.

Tratava-se de um desafio pelo trono do mal supremo, do terror e da crueldade absoluta sobre os seres humanos.

Tudo era silêncio no acampamento. Apesar disso, luzes ainda brilhavam nas barracas, como se a escuridão total fosse o pior dos castigos.

No furgão, Naiara estendia-se imóvel e só, o corpo pálido num repouso estranho e incompreensível. Pelas janelas embaçadas, a claridade da lua penetrava, iluminando-a. Uma neblina espessa avançava gradativamente sobre os campos.

Uma crispação, então, agitou as pálpebras até então imóveis, como se o brilho da lua lhes provocasse comichão. Elas se imobilizaram a seguir.

Depois, lentamente, foram se erguendo o revelando olhos injetados e faiscantes, destilando maldade e determinação. Por um longo tempo ficaram daquela forma, fixos na lua, como que absorvendo uma força incompreensível, aos seres humanos normais.

O corpo permaneceu imóvel, como sem vida. Depois, uma das mãos se ergueu para arrancar o curativo ao pescoço e tatear onde deveriam estar as marcas do brutal ataque da noite anterior.

Um riso zombeteiro desenhou-se nos lábios carnudos da professora. A pele estava lisa, sem marcas, curada misteriosamente.

Aquela mesma mão se ergueu até a cabeça puxando as bandagens e desfazendo-as. O crânio estava intacto, nada havia de anormal senão uma pequena protuberância no alto da testa, como uma ligeira inchação que indicasse o local de uma pancada.

Seus dedos massagearam aquele local. O riso se alargou em seus lábios, tomando um aspecto maligno cruel.

Aquela mão repousou ao lado do corpo. Naiara pensou apenas em seus novos apetites. A lua cheia os segredava, provocando dormência em seus músculos e perturbando seus sentidos.

Um sabor novo veia a sua boca, emocionando-a intensamente. Quando sorriu outra vez, afiladas presas se destacaram dos outros dentes brancos.

Ela se ergueu lentamente. As imagens que se sucediam em sua lembrança eram totalmente opostas, misturando antiguidade e mitologia com o presente.

Nada a surpreendia. Ela sabia o que se passava com ela e aceitava o fato como se fosse algo natural ou porque, talvez, sua mente já não lhe pertencia.

Era, agora, o mais fantástico elo entre o sobrenatural e o natural. Um casamento macabro de um mesmo apetite e de dois seres do terror.

O Licorne estava nela, existindo novamente após seu sono forçado de séculos, sedento por sangue e almas. O vampiro a mordera e inoculara em suas veias agora ressequidas o germe de uma maldição que, para o novo ser, era uma benção. O apetite por sangue se aguçava e era agora imortal.

O Licorne poderia ser destruído nela, mas o vampiro continuaria vivo. O vampiro poderia ser morto, mas o Licorne existiria. Era uma eternidade multiplicada por dois. Suas forças eram sobrenaturais. Sua crueldade era dobrada. Sua crueldade escapava as raias da compreensão.

Empurrou a porta e o vento que soprou contra seu corpo parecia crivá-la com setas malignas. Ela recuou, atordoada sentindo o corpo arder como se o fogo do inferno o devorasse.

Apoiou-se a uma das paredes. As cruzes iluminadas diante das barracas eram uma visão mortal e maléfica. Reuniu suas forças e saltou do furgão, fugindo à visão das cruzes.

Parou algum tempo depois, à margem da estrada, ainda atônita com o que enfrentara. Julgara-se indestrutível, mas aquelas cruzes lhe provavam o contrário.

Tinha de evitá-las e sabia exatamente como fazê-lo. O ruído longínquo de um motor a alertou. Ela foi para a entrada e caminhou ao seu encontro.

Não longe dela, Giglio retornava, após haver conseguido, finalmente, localizar o professor. Gastara muito dinheiro em ligações internacionais.

Primeiro falara com a França e com o jornal Le Roy, que publicara as reportagens sobre o vampiro. Depois, ligara para Londres, conseguindo localizar, finalmente, o Prf. Hilgenstiller.

Esperava ter alguma dificuldade em convencê-lo, mas, ao narrar como haviam encontrado o ataúde e como era aquele corcunda que rondara o acampamento, o professor prometeu embarcar imediatamente ao encontro deles.

Isso o punha aliviado. Hilgenstiller parecia saber o que fazia e, na certa, os tiraria daquela situação incomoda e perigosa.

Estava cansado agora. Para sua felicidade, a estrada não oferecia as mesmas dificuldades de antes. O veículo rodava firmemente. Os faróis rasgavam a neblina prateada facilmente.

CAPÍTULO 4

A porta aberta deixava entrar o vento frio que agitava as chamas da lareira.

Por algum tempo Torg fitou a figura sinistra de Drácula avançar pelo pátio banhado de luar, depois se metamorfosear no grotesco morcego que agitou suas enormes asas e maculou o céu de prata.

Ficou ali, olhando a noite, ainda trêmulo pelo pavor de ter enfrentado a ira do vampiro. Drácula estava furioso e a humanidade teria que se haver com ele.

Caminhou, depois, para o alpendre. O frio não incomodava seu corpo. Arrepios de excitação percorriam-no. Um riso maligno e inquieto brincou em seus lábios deformados. Ele olhou na direção do depósito.

A tentação de experimentar o que sabia sobre o ritual de transposição de alma impacientou-se. Sabia o risco que corria. Se falhasse sua alma vagaria danada pela eternidade, sem repouso, atormentada e infeliz.

A expectativa de obter sucesso, porém, era animadora e se sobrepunha aos temores. Avançou passo a passo na direção da construção. O vento agitava seus cabelos e suas roupas, dava-lhe um aspecto fantasmagórico e horripilante.

Empurrou a porta e sua sombra, impulsionada pelo luar, se projetou para cima do cadáver sobre o estrado de madeira no centro do depósito.

Precisaria de alguns recipientes e do sangue morno de um animal. Tudo isso estava ao seu alcance. Algumas ervas condenadas também seriam necessárias, mas já havia cuidado disso... Encontrara a maior parte delas nos arredores da fazenda. O que faltava poderia ser substituído por órgãos vivos de animais.

As palavras cabalísticas dançavam em sua cabeça, surgindo do nada como se uma força sobrenatural devassasse sua mente e as arrancasse dos tenebrosos esconderijos que habitavam.

Sua excitação produzia resultados. A noite era propícia. O luar favorecia. Tudo estava a suas mãos. As palavras da garota, murmurando o nome de Agostino, ecoaram em sua mente, seduzindo-o.

Naquela mesma noite poderia abraçá-la e possuí-la recebendo os beijos de uma paixão ardente. Sorriu de um pensamento malicioso. As italianas eram amantes fogosas. Poderia comprovar isso naquela mesma noite.

Girou os calcanhares e rumou para a casa principal da fazenda. Foi cantando, gingando o corpo aleijado como se desafiasse a lei da gravidade e pudesse se precipitar ao chão a qualquer momento.

Quando entrou na sala e o calor gostoso do fogo o envolveu, uma inquietação maior se juntou àquela que punha seu corpo em febre.

Olhou as escadas para o pavimento superior, depois subiu rapidamente, varando o corredor e parando diante da porta do quarto onde repousava a garota.

Empurrou-a e contemplou longamente o corpo imóvel sobre o leito.

— Minha... Minha bela italiana! — murmurou, a voz enrouquecida por um desejo que assanhava agora seu corpo como o pior das doenças.

Retornou à sala e, dali, foi até a cozinha, onde apanhou o necessário. Trouxe o necessário. Trouxe uma faca de açougueiro e um punhal longo e pontiagudo.

Levou tudo para o depósito, depositando-o ao lado do cadáver. Depois voltou mais uma vez à casa e trouxe as ervas que havia recolhido.

Precisava agora matar alguns dos animais lá fora, extirpando-lhes os órgãos necessários ao ritual. Muniu-se do longo punhal e da faca e foi até o curral.

Sua presença assustou as vacas, como se elas entendessem suas intenções macabras. Ao tentar segurar uma delas pelo chifre, ela o arremessou contra a cerca, num estalar de ossos que esbugalhou os olhos do corcunda e o fez prender a respiração por instantes.

Depois dominado por um furor homicida, atirou-se sobre o animal, quase a decapitando com repetidos golpes da afiada faca de açougueiro.

O animal debateu-se, tombando num mar de sangue. Torg rasgou-lhe o ventre, devassando-o à procura do coração, arrancando-o violentamente e erguendo-o sangrando diante dos olhos.

Foi levá-la ao depósito e acomodá-lo num dos recipientes. Depois apanhou uma vasilha maior, onde tencionava recolher o sangue de outro animal.

Retornou ao curral. Seus olhos procuraram entre os animais. Um bezerro parecia se esconder, amedrontado, do outro lado. Torg sorriu com

crueldade e foi ao encontro dele. O pequeno animal tentou fugir, mas Torg o agarrou com firmeza, jogando-o sobre os ombros.

A vaca-mãe mugiu dolorosamente e avançou. Torg a olhou como que fulminando. O bezerro berrou, suplicante. A vaca estremeceu, negaceando, depois recuou, o desespero nítido em seus olhos enormes.

Torg deixou o curral e depositou o bezerro no chão. O pequeno animal se debateu, tentando fugir dele. O punho pesado do corcunda se abateu sobre sua cabeça, jogando-o ajoelhado sobre as patas dianteiras.

Um novo golpe o imobilizou. Torg segurou-o e firmou seu pescoço sobre a vasilha. Colou o fio da lâmina junto ao couro e puxou-o rapidamente. O sangue esguichou para o interior da vasilha num ruído macabro, enquanto o bezerro se debatia inutilmente.

Quando obtivera o necessário, Torg empurrou o corpo imóvel para o lado e se ergueu, rumando para o depósito.

Uma sombra negra e esvoaçante surgiu entre ele e a porta. Era Drácula.

Quando os faróis iluminaram aquela figura no centro da estrada, Giglio levou instintivamente o pé ao freio, fazendo o jipe derrapar e atravessar-se na estrada.

Assim que se recompôs, saltou do veículo e ficou olhando, pasmado, aquela figura conhecida que se aproximava dele. O luar vencida a neblina com facilidade e iluminava o corpo da professora.

Pensamentos arrepiantes passaram por sua mente. Tudo o que Domênico lhe revelara fazia, agora, um pavor imenso se apossar dele.

Inacreditavelmente, porém, suas pernas se recusavam a obedecê-lo e ele ficou ali, até que Naiara se aproximasse. Estava incólume, sem nenhum sinal da pancada que levara na cabeça, nem daquelas mordidas no pescoço.

A dois passos do assustado rapaz ela parou, olhando-o angelicamente.

— Estava preocupada com você, Giglio. Onde foi? — indagou num tom convincente que o confundiu.

— Professora, eu... — tentou explicar, mas o pavor ainda o sufocava.

Ela não podia estar ali, daquele jeito, com tanta naturalidade. Vira seus ferimentos. A cabeça fora esfacelada. A garganta fora ferida e marcada horrivelmente. No entanto, ali estava ela, banhada pelo luar, sem marcas aparentes.

Aquele terror primitivo se agigantou. Arrepios intensos percorreram sua pele, eriçando-a. O que tinha diante de si não era normal. Tudo aquilo fugia a sua compreensão. Era sobrenatural, assustador, incompreensível.

— O que foi, Giglio? Por que me olha assim? — indagou ela, avançando um passo.

Giglio colou-se ao jipe. Os faróis se projetavam lateralmente, iluminando os galhos desfolhados de uma árvore, onde uma coruja insone parecia assistir à cena grotesca.

— Está com medo de mim? Sou eu, a Profa. Naiara, lembra-se? — disse ela, fazendo menção de vencer o espaço que os separava.

Giglio estendeu o braço, como a delimitar a distância entre os dois.

— Pare aí mesmo, professora! Eu... Por favor, tenho que ir até o acampamento...

— E por que não? Podemos ir juntos. Estamos pertos. A noite está fria. Estou gelada. Sinta minha mão — disse estendendo-a ao alcance dele.

Giglio hesitou, apertando-se contra o veículo. Olhou para os lados. Poderia correr. Sempre fora um bom atleta. Podia fazer isso. Com facilidade se afastaria dela. Tinha de tentar. Queria tentar, mas seus pés estavam colados ao chão e uma luminosidade animalesca brilhava nos olhos da professora agora, como que o magnetizando.

Um terror mortal se manifestou. Ela podia ser uma vampira agora. Um ser demoníaco que se aproximaria dele e o dominaria, rasgando seu pescoço e sugando seu sangue.

Sua mão, imperceptivelmente, subiu pelo próprio corpo e foi apalpar a garganta num gesto inútil de proteção. Naiara riu, percebendo o que o assustava. Ele sabia. O medo estava escrito ao rosto dele.

— Sinta minha mão, Giglio. Está fria — disse ela, avançando um pouco mais e tocando-lhe o rosto.

Um arrepio mortal percorreu-o ao sentir aquela mão gelada contra sua pele. Tentou reagir. Sabia que podia empurrá-la, mas estava petrificado, dominado por aquele olhar brilhante e fixo nele.

De seu rosto, a mão de Naiara desceu para seu pescoço, avançando para a nuca, firmando-se ali e atraindo-o lentamente.

Giglio relutou tentando valer-se de todas suas forças para impedir aquela aproximação.

Por mais que tentasse, no entanto, não conseguia vencê-la. Uma força descomunal a habitava agora. Seu hálito banhou o rosto do rapaz, concentrando-se em seu pescoço. Giglio estremeceu, fitando-a bem próximo de si.

Ela sorriu, então e o pavor se estampou definitivamente no rosto dele ao perceber aquelas presas que se sobressaiam ameaçadoramente.

Sons roucos e incompreensíveis saíram de sua garganta, enquanto sentia aqueles lábios gelados colarem-se em sua pele. Num arranco quase espasmódico, Naiara se abraçou a ele, apertando-o contra seu corpo e cravando as presas, rasgando a pele, lambuzando-se em sangue.

Giglio debateu-se, acordando do transe hipnótico pela dor da mordida. Os braços de Naiara o prendiam, no entanto, fortemente. Sons grotescos, gorgolejantes, sôfregos, esganados se ouviam, enquanto uma fraqueza

gradativa se apossava dele, mergulhando sua mente numa dormência mortal.

A dor era aguda, lancinante. A pressão daqueles braços o sufocava. Os ruídos o enojavam. Sua própria impotência diante do fato consumado venceu toda e qualquer resistência, mergulhando-o numa passividade suicida, arrastando-o para a morte.

Drácula estendeu a mão e tomou a vasilha que Torg carregava. Cheirou-a, assanhando-se. Depois fixou seus olhos furiosos nos do corcunda.

— O que pretendia fazer?

— Perdoe-me, mestre. Não suporto mais está velha carcaça podre...

— E o que há de errado com sua carcaça apodrecida? — zombou o vampiro.

— Mestre... As mulheres...

— Os prazeres de carne... Você não os venceu ainda, Torg? É um tolo... Um fraco... Um idiota completo, um imbecil total, uma besta irracional e teimosa — explodiu Drácula, atirando o sangue ainda morno sobre o corcunda, que recuou, apavorado, antes de cair de joelhos e rastejar pela lama ressequida até os pés da besta-fera.

— Perdão, mestre! Perdão — suplicou, beijando os sapatos de Drácula.

O vampiro ergueu um dos pés, como se estivesse disposto a esmagar a cabeça do outro. Interrompeu o movimento, no entanto, enquanto olhava as próprias mãos sujas de sangue coagulado.

Riu zombeteiramente, desanuviando uma tensão que se estampara em seu rosto.

— Você quer aquele corpo lá dentro, não? — indagou.

— Sim — afirmou Torg, num fio de voz.

— Não ouvi.

— sim, mestre — repetiu o corcunda, agarrando-se às pernas do vampiro e beijando seus joelhos.

— Você o quer mesmo, Torg? Sabe que posso retirar sua alma e passá-la para ele. É o que deseja?

— Sim, mestre. Eu lhe serei grato pela eternidade. Terá em mim um servo atento e aplicado. Nenhum de seus desejos deixará de ser atendido por mim, mestre. Por favor! Livre-me desse corpo amaldiçoado. De que me vale a eternidade se não posso gozá-la.

— Sua eternidade nasceu da promessa de me servir...

— Eu o servirei, mestre. Juro-lhe pelos olhos apodrecidos de meus ancestrais.

— É aquele corpo que deseja? Tem certeza disso?

— Se eu o atender, jura que jamais me atormentará com seu desejo de um novo corpo?

— Sim, mestre, juro — quase gritou Torg, cheio de esperança, pondo-se em pé e colhendo uma das mãos do vampiro para beijá-la.

Drácula retirou a mão, enojado esfregou-a contra a suntuosa capa que usava agora. O riso zombeteiro retornou a seus lábios finos e cruéis.

Ele encarou o corcunda, zombando de suas lágrimas e de seu tolo desejo.

— Eu lhe dou aquele corpo, Torg. Sua alma atormentada vai se apossar dele. Posso fazer isso agora mesmo. Entre, Torg. Vá admirar seu novo corpo — disse Drácula, abrindo-lhe passagem.

Torg, ensangüentado como estava, apressou-se e caminhou rapidamente até o estrado. O luar iluminava aquele que seria seu novo corpo. Torg levou as mãos ao rosto, gemendo dolorosamente, enquanto uma gargalhada sinistra e zombeteira explodia ali perto, quebrando o silêncio da noite calma.

— Não! — urrou o corcunda, a imagem grotesca do cadáver esquartejado bailando diante de seus olhos.

O sadismo de Drácula não tinha limites. Sua crueldade era incomensurável. O corpo do corcunda crispou-se num relâmpago. Sua mão se estendeu e apanhou a faca amolada sobre o estrado e se voltou para Drácula, arreganhando os dentes.

O riso morreu nos lábios do vampiro.

— Não, Torg, não me desafie, não nesta noite, seu maldito aborto da natureza, fruto de um ventre degenerado. Não me provoque ou vou reduzi-lo a pedaços, como esse corpo que você tanto deseja.

A mão de Torg tremia de fúria assassina, fazendo rebrilhar a faca. Seus olhos esbugalhados refletiam ódio puro. Drácula se pôs na defensiva. Seus olhos cintilaram injetados e possessos.

Lentamente Torg foi se dando conta da inutilidade de qualquer um de seus atos. A faca escorregou de seus dedos, cravando-se no solo.

Ele baixou os olhos, desviando-os para o estrado. Drácula desperdiçara, por pura maldade o corpo que devolveria a Torg à alegria de gozar todos os prazeres ao alcance dos seres humanos normais.

A idéia de uma vingança se formou em sua mente. Era mais forte que qualquer conjectura ou submissão. Drácula era seu mestre, jurará servi-lo, mas algo como aquilo não poderia ficar impune.

Tanta maldade merecia um troco à altura. Isso era certo e decidido.

— Tenho um trabalho para você. Estive no acampamento daqueles abelhudos. Há cruzes por toda parte. Preciso localizar aquela mulher e destruí-la. O ente maldito que se apossou dela ameaça meu domínio e desafia meu poder. Quero que vá agora e a encontre para mim. Não retorne sem notícias dela entendeu? — ameaçou.

— Sim, mestre — afirmou ele, submisso e vencido.

CAPÍTULO 5

Giglio agia agora como um zumbi, obedecendo as ordens de Naiara.

Nada mais era do que uma carcaça humana sem conteúdo, sem vontade ou sentimentos. Apenas obedecia removendo cada uma das cruzes improvisadas por Domênico.

Levou-as para longe. Quando retornou, Naiara já se aproximara e sorria malignamente. Por algum tempo ela ficou parada ao centro do acampamento, deixando o vento agitar suas roupas e seus cabelos.

A expressão do mal em suas faces parecia ganhar mais força a cada minuto. Os raios da lua, incidindo sobre a neblina que se esparramava pelo cenário, dava a tudo um aspecto irreal e fantasmagórico.

Giglio se aproximou lentamente, cabisbaixo e se postou diante de Naiara.

— Acordem todos! — ordenou ela, caminhando, então resolutamente para o furgão, abrindo a porta e acendendo a luz interna.

Quando os rapazes e garotas sonolentos deixaram suas barracas acordados por Giglio, não entendera, aquela visão incrível.

— Não pode ser! — exclamaram.

— Giglio, aconteceu alguma coisa? — correu lhe indagar Domênico.

O rapaz voltou para ele seus olhos opacos, sem expressão, e o rosto sem vida. Domênico percebeu as marcas em seu pescoço e recuou, horrorizado.

— professora, como pode... — ia indagar Magda, mas Naiara a interrompeu com um movimento de mão.

— Já perdemos muito tempo, pessoal. Vamos continuar nosso trabalho. Há escavações e material a ser recolhido.

— Mas é noite... — lembrou alguém.

— Pois assim será. Trabalharemos à noite e repousaremos durante o dia.

— Isso é um absurdo! — falou Domênico, aproximando-se mais para encará-la.

O que viu naqueles olhos o fez estremecer. Arrepios de pavor eriçaram sua pele e seus cabelos pareceram ergue-se no alto da cabeça.

— Isso é o que farão! — afirmou Naiara, olhando cada um fixamente.

Giglio avançou e se postou a seus pés como um cão doméstico. Domênico percebia o que houvera. Tinham de se rebelar, mas como explicar aos outros, ali, diante de Naiara, o que estava acontecendo.

O melhor, talvez, fosse concordar temporariamente. A noite não demoraria a chegar ao fim. Sendo um vampiro, Naiara seria vulnerável a luz do dia. Tudo poderia se resolver, então.

— Quero ver todos trabalhando agora — ordenou ela, fazendo um gesto para Giglio, que subiu para o furgão.

A porta se fechou. Domênico ficou estático, assim como todos os outros. Entreolharam-se então, como que a indagar o que fariam em seguida.

— Ao trabalho, pessoal — disse, procurando animar seus amigos.

Hilgenstiller verificou seu passaporte, depois o guardou no bolso de seu sobretudo. Estava febril, movendo-se rapidamente e pelo seu apartamento.

Já telefonara ao aeroporto, reservando uma passagem para o vôo noturno com escala em Turim. Estudara o mapa da Itália. Era a maneira mais rápida de chegar ao local de onde recebera aquele telefonema desesperado.

Drácula estava lá, não tinha dúvidas quanto a isso. O corcunda mencionado pelo rapaz que telefonara era Torg. O ataúde com inscrições nazistas fora o mesmo roubado ao cemitério de Kizna, quando todo aquele pesadelo se iniciou.

Já perdera chances preciosas de destruir aquele monstro. Esta poderia ser a melhor de todas. Chegar de surpresa e localizá-lo, atacando-o com uma arma que poderia ser mortal.

Verificou mais uma vez as roupas que jogara na maleta, sobre alguns estranhos utensílios. Apanhou o estojo onde guardava sua velha pistola, agora armada com projéteis de madeira e chumbo.

O cano da arma havia sido retirado e adaptado no estojo de cachimbos, de modo a parecer uma piteira estranha, mas convincente.

Era a única maneira de passar com aquilo pela segurança dos aeroportos. A arma, no estado em que se encontrava, era inútil e ele poderia sempre alegar que se tratava de uma lembrança de guerra.

Os projeteis de madeira confirmariam a inofensividade do revólver. Fechou a maleta, então, e consultou o relógio. Tinha meia hora para chegar ao aeroporto. Na manhã seguinte, estaria em Turim, após algumas escalas.

De lá seria fácil chegar até Saluzzo e ao sítio onde se realizavam as pesquisas mencionadas pelo rapaz ao telefone.

Caminhou até a porta, mas estacou, tateando o próprio peito. Retornou até seu quarto e abriu uma das gavetas de um móvel, retirando dali um crucifixo de prata preso a uma corrente forte de metal.

Acomodou-a ao pescoço e escondeu o crucifixo dentro das roupas. Seu olhar pousou, então, sobre o retrato de Larah, sua filha, vitimada pela sanha maldosa do Drácula.

Um arrepio de ódio estremeceu seu corpo e, após uma breve prece, apressou-se em deixar o apartamento. Quando tomou um táxi, pouco tempo depois, foi refazendo a história contada ao telefone.

Drácula atacara a professora e chefe da equipe de arqueólogos. O que não compreendia era porque o vampiro não a destruía.

Isso fugia totalmente aos padrões dos ataques do monstro até então. Tudo isso o punha curioso, mas, acima de tudo, a impaciência em vencer a distancia e se defrontar o mais rápido possível com o vampiro o deixara inquieto e impaciente.

Larah e todas as outras vítimas precisavam ser vingadas. Aquele monstro tinha de ser varrido da face da terra e mandado de volta às profundezas do inferno, local de onde jamais deveria ter saído.

Seu arsenal estava preparado. Levava o necessário. Estacas de madeira, o crucifixo de extremidades limadas que provara ser eficiente e, acima de tudo, as balas de madeira.

Testara aqueles projéteis. Com o chumbo em seu interior, cada bala daquelas tinha o peso necessário para manter a trajetória durante o disparo.

Não erraria o alvo, quando tivesse chance. Sabia que não erraria.

Torg estranhou aquela luminosidade que se projetava contra a neblina, criando um estranho efeito. Aproximou-se mais e mais, até poder observar o local.

Não pôde acreditar no que via. Aquela gente trabalhava em plena noite, movendo-se febrilmente pelo acampamento, entrando e saindo da caverna.

Observou atentamente, procurando localizar aquela mulher, mas não a via em parte alguma. Foi então que ouviu, atrás de si, um ruído denunciador.

Voltou-se e encarou um dos rapazes do acampamento, que o olhava sombriamente. Ergue-se lentamente, pensando numa boa resposta, mas o outro nada perguntou.

Apenas caminhou ao encontro do corcunda e estendeu a mão, agarrando-o pelo braço. Torg se livrou daquela mão com um giro de corpo.

O rapaz pareceu não se intimidar com a reação agressiva do corcunda e voltou a se aproximar com a mão estendida. Torg reparou naqueles olhos, então, que o fixavam sinistramente.

Não tinham vida, não tinham expressão alguma. Apenas fitavam, sombrios e imóveis, como se olhassem através do seu corpo.

A mão voltou a se firmar sobre seu braço. O rapaz tentou arrastá-lo. Torg resmungou qualquer coisa e jogou seu punho com toda sua força descomunal atingindo o outro em pleno rosto.

Giglio, ou o que quer que fosse agora, apenas balançou a cabeça, sem soltá-lo. Torg ficou pasmado e assustado. Aquele golpe mataria um ser humano normal.

Voltou a golpeá-lo, dessa vez extravasando toda sua ira. O corpo de Giglio tombou para trás, mas ergueu-se imediatamente e voltou a se aproximar do corcunda.

As mãos de Torg se crisparam com fúria mortal e ele se viu separando a cabeça daquele corpo maligno. Quando se dispunha a esquarterar aquele estranho agressor, um vulto de mulher avançou das trevas e se interpôs entre eles.

Os olhos de Naiara brilhavam, fixos no corcunda, que recuou, estremecendo. Seu olhar se viu atraído pela protuberância no centro da testa dela, vencendo a pele, intumescendo-a como um tumor preste a se romper.

— Eu sei quem você é, animal! — disse Naiara.

Torg rosnou enraivecido. Podia ser obrigado a suportar os insultos de Drácula, mas não daquela mulher. Seus dentes se arreganharam e uma fúria bestial desenhou-se em seu rosto deformado.

— Onde está seu mestre? — indagou Naiara.

— No inferno! — urrou Torg, avançando contra ela.

A mão dela se estendeu com rapidez, agarrando a garganta do corcunda, que emudeceu diante daquela força descomunal que ameaçava esganá-lo.

Lentamente seu corpo foi sendo erguido no ar. Suas pernas se debateram e seus olhos avermelharam. A língua saltou fora de sua boca, arroxeadada e obscena.

Com uma gargalhada gélida, ela o arremessou para trás, contra uma pedra. Torg julgou que todos os ossos de seu corpo se partissem com o choque.

A mulher voltou a se aproximar dele. Seu rosto também revelava fúria e, ao ver aquelas presas pontiagudas e brilhantes, Torg levou a mão ao pescoço, massageando-o instintivamente.

— Fale, besta estropiada, ou nada restará de sua carcaça miserável — rosnou Naiara, ameaçadoramente.

Torg encolheu-se contra a pedra. Lembrou-se do que Drácula dissera. Um ente maligno se apossara do corpo dela. Um ser poderoso fora gerado daquela incorporação. Um ser tão maldito e tão poderoso quanto o morcego-humano.

Era fácil, agora, compreender o temor e a ira de Drácula. Aquela mulher poderia destruí-lo.

— Fale! — ordenou ela, voltando a agarrá-lo pelo pescoço e a erguê-lo em pleno ar.

Toda sua vida de peregrinações e devoção transcorreu diante de seus olhos, enquanto tentava convencer-se de que jamais deveria trair Drácula.

As cenas daquela mesma noite bailaram em sua mente. Drácula zombara dele, de seu físico maltratado, destruindo a chance que tinha de dar-lhe um novo corpo.

A mágoa e o ressentimento alimentaram o ódio instintivo. A visão da própria destruição apavorou-o. Um ser humano não o destruiria. Poderia feri-lo, maltratá-lo, mas jamais destruí-lo.

Aquela mulher, porém, podia, pois não era humana.

Quando ela o soltou contra a pedra novamente. Torg não hesitou mais, contando-lhe onde estava o vampiro.

A mulher gargalhou de satisfação, depois se inclinou e o encarou ameaçadoramente.

— Você pode me ser útil, corcunda infernal. Sinto isso. Pode me servir muito mais que ele — disse, apontando Giglio. — vou destruir seu mestre e você será meu servo. Amanhã, quando a lua cheia atingir sua plenitude e eu me saciar de sangue humano, irei ao encontro dele para pôr fim ao seu reinado. Eu, Naiara, a mulher-vampiro, personificação do Licorne — finalizou ela, fazendo um gesto para Giglio e se afastando com uma gargalhada.

Torg ficou ali, apoiado contra a pedra, tentando definir o que deveria fazer em seguida. Uma coisa era certa. Jamais teria outra chance para testar o poder de Drácula e, ao mesmo tempo, vingar-se de todas as humilhações que recebia como paga a mais total e submissa das servidões.

A tentação de voltar naquele mesmo instante e lançar na cara de Drácula o desafio era irresistível. Ver o medo estampar-se naquelas faces medonhas lhe causaria um prazer indescritível.

Sorriu malignamente, enquanto se punha em pé com um gemido. Voltaria a Drácula com o desafio e ficaria à margem do terrível combate.

Ao mesmo tempo, iria se precaver. Compreendia que a destruição de Drácula seria sua própria destruição. Assim, teria de ajudá-lo, caso pudesse ser destruído pela mulher-licorne.

Ela era um monstro dotado de poderes extremos, mas havia um modo de destruí-la. Todos os monstros podiam perecer no fogo. Ela não seria a

exceção. Havia um posto de gasolina ali perto. Seria fácil preparar uma armadilha. Um círculo de fogo sempre se mostrara eficiente.

Quando os primeiros raios da aurora despontaram no horizonte, Naiara se apressou em rumar para o furgão. Todos, extenuados, observaram aquela espécie de fuga.

Ela fechou as cortinas intensas, depois ainda jogou mais alguns panos sobre os trilhos, obtendo a escuridão total Giglio do lado de fora, submisso e vigilante.

Domênico fez um sinal para os outros e todos se reuniram na entrada da caverna.

— Domênico, você é o único que parece compreender o que está acontecendo, afinal. Vai nos contar? — indagou Magda. — O que houve com a professora? O que se passa com o Giglio? Parece um morto-vivo...

— É o que ele é agora, pessoal! — afirmou Domênico e o pavor se estampou nas faces dos outros, que o encararam interrogativamente.

— Como assim? — quis saber alguém.

— Talvez vocês não me acreditem, mas é a pura verdade. Alguém se lembra de ter lido, há algum tempo, uma ou duas reportagens que saíram no Le Roy, a respeito de vampirismo?

— Vampirismo? — retrucou Magda. — Você não vai querer nos convencer que...

— Pois então ouçam-me — pediu ele, narrando-lhes tudo que sabia.

Um silêncio mortal pairou entre eles, ao fim de sua narrativa. Todos os olhares se voltaram para Giglio e para o furgão.

O vento soprou na direção deles e um odor putrefato chegou a suas narinas, nauseando-os.

— É o corpo de Helena! Temos de sepultá-la — disse alguém.

— Não, temos de nos salvar. Não podemos usar o furgão, mas temos o jipe. Sugiro que deixemos tudo para trás e saíamos daqui o mais depressa possível.

Não precisou repetir a sugestão. Todos correram para o jipe. O olhar inexpressivo de Giglio os acompanhou. Quando Domênico se acomodou ao volante, percebeu que faltava algo importante.

—As chaves! Onde estão as chaves? — indagou.

— eu não sei, sempre ficaram no jipe — respondeu Magda, ao seu lado.

— Foi ela! — disse alguém — ela retirou as chaves.

— Mas não pode nos impedir de nos movermos por nossos próprios meios — disse Domênico saltando do veículo e correndo para a estrada.

Os outros mal tiveram tempo de compreender o que se passava. Giglio se pôs em pé num salto e o alcançou, agarrando-o pelo pescoço e puxando-o para trás.

Ao cair, Domênico sentiu em suas mãos o metal frio de uma alavanca. Ergueu-a e vibrou-a com todas as suas forças. A pancada violenta atingiu o alto da cabeça de Giglio. Seus miolos saltaram para fora, ficando dependurados horrivelmente.

Ele permaneceu em pé, no entanto e, quando Domênico o golpeou novamente, aparou o golpe com a mão e puxou o outro ao encontro de si.

Sua mão firmou-se, então, na garganta de Domênico e dessa forma Giglio o arrastou até a entrada da barraca, jogando-o para dentro com violência.

CAPÍTULO 6

Torg gargalhou macabramente, enquanto dirigia o furgão. O sol se firmara no céu e a manhã era linha, como se a natureza negasse totalmente a existência de trevas e de seres malditos que a habitassem.

A terra lavada era acariciada brandamente pela aragem fria. Os galhos desfolhados das árvores pareciam envernizados, refletindo o brilho do sol.

A relva, não de todo ressequida, exibia um verdor esmaecido que avançava pelas colinas, cobrindo-as delicadamente. No céu, bandos de aves voavam juntos para um só destino.

Apenas a risada sinistra do corcunda, dentro do furgão, quebrava aquele cenário poético de paz e beleza.

Torg tinha motivos para ir, motivos muitos bons, sádicos, quase voluptuosos. Bastava lembrar-se da expressão de Drácula na noite anterior, quando lhe lançara o desafio da mulher vampiro.

O mestre das trevas tivera um de seus acessos de fúria, destroçando a casa, agredindo Torg. As pancadas recebidas não o haviam ferido.

A cena fora recompensadora. Drácula temia aquele encontro e nada poderia alegrar mais o corcunda que vê-lo receber uma lição de medo, pelo menos uma em toda sua vida amaldiçoada.

Talvez depois do susto, Drácula passasse a tratá-lo melhor, reconhecendo seus serviços, recompensando-o pela dedicação e pelos cuidados.

Deixaria tudo pronto para o duelo. Com a gasolina que pretendia comprar naquela manhã, providenciaria para que aquela mulher, caso o pudesse, não destruísse Drácula.

Seria uma boa vingança, mas não satisfazia de todo. Drácula despedaçara maldosamente aquele corpo que poderia ter sido dele.

A frustração e a dor daquela visão macabra não seriam facilmente esquecidas. Alguma coisa semelhante precisava ser feita.

Lembrou-se então de Nunciata, a jovem que definhava estendida num leito. Drácula a reservava para uma orgia. Era um prazer raro para o vampiro.

A gargalhada de Torg explodiu mais alto, agora, e ele quase perdeu o controle do veículo. Decidira o que haveria de fazer.

A jovem amava o tal de Agostino. Torg quisera ser Agostino e ainda o poderia ser. Com seus poderes hipnóticos poderia fazê-la crer que a figura disforme e encarquilhada diante de si era seu adorado amante.

A lascívia contagiou-o. Sensações voluptuosas percorreram seu corpo deformado, impacientando-o. Poderia tê-la. Poderia fazer-se amado e gozar os prazeres inconfessáveis que habitavam sua mente.

A idéia de a tomar em seus braços, de comprimir suas carnes mornas e macias, de colar seus lábios sequiosos aos dela, de penetrá-la e saborear aquele calor úmido e íntimo que alucinava, quase o fez desfalecer ao volante.

Uma baba gosmenta e satisfeita escorreu do canto de seus lábios. Seus olhos brilharam intensamente. Seu corpo estremeceu convulsivamente, de puro gozo.

Chegava ao posto de gasolina. Manobrou o veículo até junto da bomba. Desceu e foi abrir a porta traseira, onde carregava um tambor apropriado.

— Quer que encha? — indagou o encarregado.

— Sim, totalmente — concordou Torg, num grunhido.

Um carro vinha pela estrada e parecia determinado a seguir em frente. Uma ordem do passageiro, no entanto, fez o motorista freá-lo.

Hilgenstiller olhou pela janela o coração aos saltos, os músculos tensos, a expressão crispada. Aquela figura horrenda e deformada, junto aquele furgão negro, era Torg, o corcunda servo de Drácula.

— É uma cantina, senhor. Se quiser comer alguma coisa...

— Não, não! — afirmou Hilgenstiller. — Já viu aquele furgão por aqui antes?

— Não senhor, mas me lembro de ter visto aquele corcunda em Saluzzo, há alguns dias atrás. A placa do carro... Sim... É francesa. Muitos turistas passam por aqui...

Hilgenstiller sabia, no entanto que não se tratava de um turista. Aquele furgão poderia levá-lo ao esconderijo do vampiro. Bastava segui-lo. Era dia. Nada poderia ser mais adequado.

— Vamos esperar, motorista. Quando aquele furgão partir, quero que o siga à distancia. Preciso descobrir aonde vai.

— Mas não íamos até...

— Sim, depois iremos até lá. O mais importante talvez esteja aqui mesmo — disse, mas o motorista não entendeu suas palavras, pronunciadas com nervosismo e impaciência.

Em sua fazenda, Giuseppe Santini desligou o trator, quando viu a mulher se aproximar pela terra recém arada. Um cheiro agreste e delicioso penetrava suas narinas, revigorando-o.

Aquela era a melhor terra de toda a região e Giuseppe se orgulhava dela.

— Trouxe sua comida — disse ela, passando-lhe o embrulho.

— Ótimo! Estou faminto — sorriu ele, indo se sentar ao lado do trator para aproveitar a sombra e proteger-se do vento frio.

Começou a comer, estalando a língua com satisfação. Sua esposa era ótima cozinheira. Sua terra era a melhor. Seu trator era excelente.

Giuseppe tinha, portanto, boas razões para sentir-se um homem feliz e orgulhoso de suas posses.

— Estamos colhendo os legumes e as verduras, antes das primeiras geadas. É demais para nós. Posso fazer conservas, mas jamais consumiremos tudo — riu ela.

— Posso levar um pouco para a cidade, logo mais, assim que terminar de arar este pedaço.

— Pensei em mandar um pouco para a comadre Maretino...

— Boa idéia! Nuno me disse, lá na cantina que o Lauro tem daquela banha excelente. Poderíamos ir até lá e comprar um pouco também.

— Trocar — corrigiu ela, com um brilho malicioso e comercial nos olhos.

— Trocar, seja lá como for — concordou ele. — Que tal irmos está noite? A estrada estará seca e poderemos usar a camionete...

— Excelente idéia! Vou separar o que levaremos para eles, então.

— Não se esqueça do alho. As terras de Lauro não produzem alho ou ele não gosta de plantá-lo.

Com a precaução exigida pelo professor, o motorista levava seu carro em perseguição ao macabro furgão que seguia pela estrada.

Hilgenstiller mal podia se conte. Não esperava que tudo pudesse ser tão fácil. Talvez o destino, finalmente, estivesse agindo a seu favor, facilitando-lhe aquela ingrata tarefa.

Localizar Drácula em plena luz do dia significava destruí-lo, Torg não seria empecilho, não diante daquela pistola.

Ao lembrar-se dela, abriu sua maleta e retirou o necessário para montá-la. Pelo retrovisor o motorista percebeu a manobra e assustou-se.

— Fique tranquilo, meu bom homem. Não sou assaltante.

— Sendo assim, por que a arma? Vai matar alguém?

— Não. Talvez eu tenha que matar um animal, só isso — afirmou o professor, introduzindo, uma a uma as balas na arma.

Guardou-a no bolso de seu sobretudo. Seus olhos se alongaram pela estrada, até aquela mancha negra que se deslocava velozmente.

— Ele parece ir na direção daquele sítio mal-assombrado — falou o motorista.

— É o que supus, também.

Suas conclusões, no entanto, estavam erradas. Em algum ponto logo à frente, Torg deixou a estrada principal e tomou outra, mudando de direção.

Quando o táxi chegou àquela encruzilhada, o professor perguntou:

— Onde isso vai dar?

— Na fazenda de Lauro Maretino.

— Uma fazenda!

— Sim, uma fazenda. Agora não estamos longe daquele local que deseja ir, senhor. O que devo fazer?

— Vamos até a fazenda. Agora com toda cautela, por favor. Não quero que nossa chegada seja descoberta — disse, pensando com tristeza no trágico destino das vidas humanas que habitavam aquele local.

Se Drácula lá se instalara, era certo que semeara total destruição.

— Ei, veja aquilo! — gritou o motorista, quando ia pôr o veículo em movimento.

Hilgenstiller olhou na direção apontada. Suja de terra, desgrenhada e com as roupas rasgadas, uma garota estendia as mãos, suplicando por ajuda.

— Deus! O que será que houve? — indagou Hilgenstiller, saltando do veículo e correndo ao encontro da jovem.

— Ajuda, pelo amor de Deus! — balbuciou, tombando nos braços do professor.

Ele a levou para o carro. O motorista abriu a porta traseira e a garota foi acomodada no assento. Estava em péssimas condições, com profundas

olheiras e marcas por toda a pele, como se tivesse se chocado com uma cerca de arame farpado ou corrido através de um campo de espinhos.

— Os outros... Precisam de ajuda... Giglio... Ele... Deus! — gritou ela, incoerente e febril.

— Acalme-se, por favor — pediu o professor, com gentileza, acariciando-lhe o rosto.

A garota lhe agarrou a mão e ergueu os olhos suplicantes e apavorados. Estava em choque, terrivelmente assustada. Inconscientemente, Hilgenstiller examinou-lhe o pescoço e respirou aliviado por não ver ali as fatídicas marcas.

— Tenho um pouco de vinho aqui, senhor. Sempre trago uma garrafa para essas noites frias de agora — disse o motorista.

— Pode ajudar.

O motorista apanhou-a e passou-a ao professor. Este derramou um pouco nos lábios da garota, que se debateu e procurou se erguer.

— Ele está lá... Ela também. Algo aconteceu o demônio está solto e nós...

O professor não viu outra solução. Sua mão espalmada bateu com força no rosto da jovem, que o olhou chocada, depois chorou convulsivamente, cobrindo o rosto.

— Vamos, beba um pouco disso, vai ajudá-la — disse ele, a seguir, com ternura.

Ela concordou, parecendo acalmar-se. As lágrimas correndo por seu rosto deixavam um trilho de limpeza na pele suja. Hilgenstiller olhou suas mãos. Estavam machucadas e igualmente sujas. Havia terra sob suas unhas.

— Sente-se melhor agora?

— Sim, mas é preciso ajudar os outros. Giglio está lá, não sei como ainda pode se manter em pé daquela forma. Não deixa ninguém escapar do acampamento. Foi por um milagre que eu tenha conseguido...

— Está bem, vamos com calma e nos conte tudo desde o princípio.
Acha que pode?

Ela engoliu em seco, depois respirou profundamente, tentando vencer o asco e o pavor que convulsionavam seu corpo.

Em breves palavras ela narrou, então, tudo que houvera no acampamento, desde quando localizaram o ataúde até a última noite, quando a Profa. Naiara agira daquela forma tão estranha e Giglio fora transformado numa espécie de zumbi.

O motorista se persignava a cada nova palavra da garota, mas Hilgenstiller apenas ouvia atentamente. O terror e o sobrenatural já não mais o intimidavam.

Sua perseguição implacável à besta-fera, sugadora de homens e semeadora de destruição o fizera crer nas mais horrendas aberrações com que a natureza era violada em sua máxima sabedoria.

— Precisa ajudá-los. Estão lá, mortos de cansaço e de medo, sem chances de escapar...

— Iremos — prometeu o professor, enquanto o motorista balançava a cabeça de um lado para outro, negando.

— Aquele local é assombrado. Jamais acreditei nisso, mas agora vejo que me enganei todo o tempo. Sinto muito, professor, mas não vou lá...

Hilgenstiller retirou seu crucifixo do peito e mostrou-o ao motorista.

— É cristão?

— Sim, mas o que tem isso a ver com...

— Se é um cristão, deve saber que isto representa a força máxima do bem. Nada há a temer. Eu lhe prometo.

— Mas se é como a garota disse, como vamos matar alguém que já está morto?

Hilgenstiller abriu a maleta e apanhou uma de suas pontiagudas estacas. O motorista arregalou os olhos. Aquele homem diante de si parecia saber o que fazia, inspirando confiança.

— Está bem... Está bem! — concordou finalmente.

Hilgenstiller foi se sentar ao lado e partiram em seguida. No banco traseiro, encolhida, Magda cedia ao cansaço e adormecia.

Algum tempo depois chegavam ao local. Quando Hilgenstiller desceu, um vulto macabro se ergueu de junto do furgão perto da caverna e caminhou na sua direção.

Rostos assustados e esperançosos surgiram às portas das barracas. O motorista persignou-se e encolheu-se. Hilgenstiller teve de se esforçar para conter a náusea que convulsionou seu estômago.

Um odor putrefato dominava o local. Como se isso não bastasse para horrorizá-lo, havia aquela figura que caminhava ameaçadoramente em sua direção.

Era incompreensível. Mesmo ele, preparado para as mais macabras surpresas do sobrenatural, podia conter o pavor diante de um corpo humano naquelas condições.

O cérebro jazia fora do crânio esfacelado. A pele enrugara-se, como se ressecada pelo sol. Os olhos eram buracos negros nas órbitas. As mãos estendidas eram ossos cobertos por pele enegrecida e decomposta.

Compreendeu, então, o que se passava. Era um vampiro e o sol estava destruindo seu corpo. Ainda assim, era ameaçador. O professor levou a mão ao bolso do sobretudo e ergueu a arma, apontando-a para o coração.

Esperou até que Giglio, ou o cadáver ambulante que ele fora se aproximasse o bastante, depois abriu fogo. A bala transpassou-lhe o coração, fazendo-o cambalear.

A passagem da madeira pelo seu corpo foi como se um ferro em brasa o dilacerasse. Ele urrou de dor. Seus braços se agitaram ameaçadoramente.

O sol inclemente fazia seu papel. O corpo sem vida tombou de joelhos e ficou se retorcendo, soltando pedaços de pele na terra, revelando pústulas que cobriam os ossos putrefatos.

Hilgenstiller correu até o carro e apanhou uma das estacas. Ante o olhar horrorizado de todos os que acompanhavam a grotesca cena, cravou-a no peito daquela aberração, que se aquietou.

Um sorriso brilhou em seus lábios descarnados, como se desse graças por se ver livre da maldição.

Ofegante e trêmulo, o professor levantou os olhos para os jovens que saíam das barracas. Domênico se adiantou.

— É o Prof. Hilgenstiller? — indagou.

— Sim...

— Graças a Deus! — exclamou o rapaz. — Chegou bem a tempo, já não suportávamos mais, Magda conseguiu encontrá-lo?

— Refere-se à garota que está no carro? Ela está bem.

— Então venha, professor. Ela dorme no furgão. É um monstro. Temos de destruí-la — disse Domênico, febrilmente, arrastando-o até o furgão.

Por mais que tentassem, no entanto, não conseguiam abrir a porta.

CAPÍTULO 7

Uma força maligna e infernal parecia guardar o interior do furgão, barrando toda e qualquer tentativa de ataque ao corpo em repouso da professora.

Usaram de todas as ferramentas, mas a simples lataria adquirira a consistência do aço. Mesmo os vidros das janelas resistiam às pancadas mais violentas.

Estavam atônitos e ofegantes, após todas as tentativas infrutíferas de devassar aquele tempo do mal.

— O que vamos fazer? — indagou Domênico.

Hilgenstiller olhou ao seu redor. Viu um tambor de metal ali perto. Foi até lá examiná-lo.

— Contém óleo para ser usado no gerador — informou Domênico.

Os olhos astutos do professor vasculharam os arredores, enquanto uma idéia se formava em sua mente. Havia muita lenha naquelas árvores ressequidas e nos troncos caídos no chão.

— Há um meio de destruir o demônio que se apossou do corpo dela. Um meio drástico, mas eficiente.

Domênico pareceu entender, assim como os outros. Por instantes se entreolharam, depois, numa procissão silenciosa, saíram recolher galhos de lenha, troncos, empilhando-os contra o veículo.

O professor tratou de retirar alguns baldes de óleo combustível e deixá-los pronto. Depois foi auxiliar os jovens na ingrata tarefa.

Parou, porém, junto ao corpo decomposto e fétido de Giglio. Movido por um sentimento de piedade, fez um gesto para Domênico, que compreendeu.

Uma padiola foi providenciada e o corpo foi empurrado para cima dela e levado até o veículo, onde seria incinerado, juntamente com Naiara e o cadáver de Helena.

Quando todo o furgão estava cercado pela madeira, o professor distribuiu os baldes de óleo, que foram atirados sobre a lenha.

Momentos depois, a fumaça negra anunciava a grande fogueira que destruiria o mal definitivamente. Afastaram-se, temendo a explosão do tanque de gasolina.

Um grito lancinante se ouviu acima do crepitar lúgubre das chamas, fazendo com que todos se arrepiassem e estremecessem.

— Veio do interior do furgão — disse Domênico.

— É ela! — gritou alguém.

No momento seguinte, uma explosão ensurdecedora partiu o veículo ao meio. Saindo das chamas com as roupas ardendo, um vulto foi atirado no espaço, caindo junto à entrada da caverna.

Gritos de dor e ódio escoaram pelas paredes, de pedra, enquanto Naiara, fugindo ao fogo e ao sol, inimigos mortais, aprofundava-se no interior escuro da caverna.

— Ela escapou! — alertou o professor.

— Como Deus meu? — indagou Domenico.

— Não importa. Temos de destruí-la, mas seria imprudente ir em seu encalço.

— E o que podemos fazer? Se a deixarmos, ela continuará sendo a ameaça terrível que é...

— Há algo que podemos fazer, sim — disse o professor, indo apanhar madeira. — Há um martelo e pregos por aí?

Domênico o atendeu com presteza. Todos se reuniram ao redor dele, enquanto montava um enorme crucifixo. Depois, levou-o e plantou-o no interior da caverna, entre seus túneis ameaçadores e a saída.

— Isso a prenderá aí dentro pela eternidade. A caverna será seu túmulo. Vamos bloquear a passagem.

— Temos cimento, professor.

— Ótimo! Prepare a argamassa. Os outros me ajudem a empilhar pedras. Ela jamais sairá daí.

Uma verdadeira muralha foi erguida à boca da caverna, prendendo, talvez para sempre, a terrível ameaça da mulher-vampiro.

Quando terminaram, o dia chegava ao fim. Estavam exaustos ao término daquele pesadelo. Para Hilgenstilller, no entanto, o pior ainda estava por vir.

A noite chegava, e tornava mais difícil seu confronto com Drácula. Não recuaria, porém. Adiar poderia se perder uma chance de destruí-lo.

Apesar do perigo ser maior, iria àquela fazenda.

— e agora, professor? — indagou Domênico.

Hilgenstiller olhou-os, então. Estavam no fim de suas forças físicas e mentais. O que haviam enfrentado era enlouquecedor.

— Vocês voltarão para o local de onde vieram. Não sei como irão justificar os incidentes, mas terão de fazê-lo.

Domênico se voltou e encarou os amigos.

— Ninguém nos acreditará, pessoal. O melhor a fazer será alegarmos que a professora, Giglio e Helena morreram num acidente, quando o furgão pegou fogo e explodiu. É a única maneira de deixá-los em paz, após o terrível destino que enfrentaram.

Todos concordaram unanimemente. Enquanto se preparavam para partir, o motorista do carro se aproximou do professor.

— Olhe, senhor, depois do que vi aqui, não espera que eu o leve até aquela fazenda, não?

— Enquanto houver luz, não haverá o que temer...

— Eu sei, mas não quero facilitar. Já vi mais do que podia suportar. Se quiser, deixo-o na estrada. O resto é consigo.

O professor sorriu, então, concordando. Não podia lutar contra o medo das pessoas.

As roupas jaziam a um canto do aposento. A luz do sol ainda penetrava pela janela, iluminando o corpo branco e torneado de Nunciata.

Seus olhos se fixaram no homem a sua frente. O terror desaparecera de seus olhos e um brilho de felicidade tomou conta de seus lábios.

Toda a tensão se desfez. Ela abriu os braços.

— Agostino! — murmurou, enquanto Torg, o corpo nu e deformado caminhava para ela, trêmulo de hesitação, incrédulo diante da oferta de paixão que lia naqueles lábios rubros e sensuais.

A volúpia que se apossou dele foi brutal, bestial, animalesca. Com um apetite desenfreado atirou-se sobre ela, apertando-a, mordendo-a, esfregando suas mãos ásperas e imundas sobre a pele delicada.

— Agostino! — ria ela, surpresa diante de tanto desejo, disfarçando a dor que os carinhos brutos provocavam.

Grunhidos apenas escapavam da boca gosmenta de Torg, enquanto devassava aquele corpo com as carícias mais audaciosas e depravadas.

Nunciata não sabia protestar. Sua mente estava confusa. Era como se acordasse de um pesadelo tenebroso e visse Agostino diante de si, pedindo-lhe amor desesperadamente e uma força interior desconhecida a fizesse ofertar-lhe o que pedia.

Entregou-se, portanto, à luxúria degradante do corcunda, que se apossou de seu corpo com a sofreguidão de quem espera demais por algo que desejava.

Foi uma tarde de gozos intermináveis, de carícias brutais, de beijos sufocantes, Torg extravasou todo seu apetite macabro.

O prazer de haver se antecipado ao seu próprio mestre foi amais compensadora das vinganças.

Mais tarde, satisfeito e exausto, vestiu-se e deixou o aposento. Desceu até a sala principal. Sentou-se à mesa. Gargalhou loucamente, enquanto o dia morria lá fora.

Uma dormência gostosa invadiu seu corpo. Ele se debruçou sobre a mesa e cochilou, sonhando com o prazer dos anjos.

A noite chegou, trazendo a neblina e um vento lúgubre, que parecia convidar as bestas noturnas para um espetáculo de horror.

Nos currais, os animais esfomeados se moviam com inquietação, como que farejando no ar a presença de algo maligno e ameaçador.

Na adega da casa, a mão descarnada do Conde Drácula firmou-se contra a tampa do ataúde e empurrou-a para cima. A presença das trevas era revigorante.

Após o descanso, sentia-se faminto e impaciente. Havia um desafio no ar e isso despertava o furor em cada músculo de seu corpo.

Era um Príncipe das Trevas, o preferido de Satanás, o ente maldito mais poderoso da face da terra. O Licorne era poderoso, mas jamais destruiria aquele cuja maldade não tinha limites.

Ergueu-se lentamente. Precisava de sangue fresco, sangue de mulher, morno e fortalecedor. Seu corpo precisava de todas as forças para o terrível encontro.

Lembrou-se da jovem que preservara e que dormia agora no quarto. Estremecimentos de volúpia e crueldade agitaram-no e ele deixou a adega escura.

Ao passar pela sala, viu o vulto de Torg, debruçado sobre a mesa, e sorriu com certa piedade. O corcunda o vinha servindo muito bem, talvez fosse hora de recompensá-lo da forma como ele desejava.

Isso ficaria para mais tarde, no entanto. Urgia saciar sua sede e preparar suas forças. Exterminando aquela ameaça, o mundo voltaria a ter um único rei do terror.

Avançou pelo corredor, a esvoaçante capa negra realçando seu aspecto macabro. Penetrou no quarto e se aproximou do leito.

Não entendeu aquele vulto retorcido sobre a cama desfeita. Aproximou-se mais. A garota estava morta. Em sua pele, marcas de unhas e dentes, como se alguém houvesse extravasado nele seus instintos mais animalescos.

— Torg! — murmurou, sentindo um sabor de veneno subir-lhe à boca.

Não era preciso examinar atentamente para perceber as barbaridades cometidas pelo corcunda, em sua volúpia. O vampiro girou nos calcanhares e deixou o aposento, movido por uma fúria diabólica.

Torg, debruçado sobre a mesa, ainda sonhando com as carícias e os prazeres de um corpo morno e tenro. Assim, a pancada que o atingiu no alto da cabeça foi como um banho de água fervendo em sua pele.

Rodopiou para o chão. Ao erguer os olhos, viu o vulto ameaçador que rumava para ele. Com um bastão, Drácula golpeou impiedosamente o corpo maltratado do corcunda, vociferando maldições e palavrões.

— Perdão, mestre! — clamava Torg, tentando fugir às bordoadas implacáveis que o destroçavam.

— Maldito aleijão, inútil carcaça podre, fétido excremento de uma víbora!

Quando cessou o vampiro estava exausto e enfraquecido. Torg jazia estendido no assoalho, o corpo coberto de sangue, as carnes maltratadas ao extremo.

O ruído inquieto dos animais no curral alertou Drácula para o que poderia ameaçá-lo. Precisava de sangue com urgência, ou sucumbiria aos ataques do inimigo que marchava contra ele.

Naquele momento, o único ser humano, com sangue capaz de fortalecê-lo, era o próprio Torg. Drácula riu macabramente. Aquele seria o pior dos castigos. O corcunda lamentaria pela eternidade haver desafiado seu mestre.

A fúria se apossara do corpo de Naiara.

A dor das queimaduras, no entanto, não era pior que aquela, no alto de sua testa, onde a protuberância intumescida se abria para dar passagem a um chifre pontiagudo, que crescia à medida que sua fúria aumentava.

Queria sair dali, vencer aquela escuridão e rumar decididamente ao encontro de seu maior inimigo. Drácula precisava ser exterminado. A terra só podia pertencer a um deles. A luta seria de vida ou morte, mas, para isso, tinha de escapar daquele túmulo onde a haviam encerrado.

Sua força descomunal poderia ser usada contra aquela simples murada de pedra, mas, ao aproximar-se da cruz, sentia-se invalida por uma extrema fraqueza.

Retornava, recuperava-se, partia os blocos de pedra da montanha com golpes demolidores, enquanto, em sua testa, o chifre pontiagudo atingia o máximo do tamanho.

Ela estacou repentinamente, ao ver rolar lascas de uma rocha que golpeará. Seus olhos animais brilharam e uma idéia salvadora a fez estremecer de satisfação.

Não podia se aproximar da cruz, mas podia atingi-la. Com uma enorme pedra em suas mãos, caminhou até a saída da caverna, atirando-a com todas as suas forças.

A Cruz de madeira partiu-se ante a força do impacto. Com um urro medonho, ela se arremessou contra a muralha de cimento e pedra, demolindo-a e ganhando a liberdade.

Livre do ar viciado e pestilento da caverna, suas narinas se dilataram.

Ela ergueu a cabeça e urrou, desafiando a noite. Depois ficou imóvel, farejando, o peito arfando pesadamente, animalmente.

A lua nascente projetou sua sombra disforme contra a colina. O vento varria os destroços do acampamento. No ar ainda havia um cheiro nauseante de queimada.

Repentinamente, como percebendo qualquer coisa no ar, olhou numa direção. Suas feições se arreganharam, as presas malignas cobriram seu lábio inferior. Ela começou a correr, então, rápido como o vento, ao encontro de seu inimigo mais perigoso.

Hilgenstiller deu graças pelo nascimento da lua, que vinha iluminar a estrada. Estava exausto depois daquele dia infernal. A maleta em sua mão parecia pesar uma tonelada.

Longe de abater-se, no entanto, mais suas forças aumentavam ante a expectativa de destruir aquele demônio monstruoso que surgira das cinzas para aterrorizar a humanidade.

A caçada implacável poderia chegar ao fim naquela mesma noite e nada no mundo lhe daria mais prazer que fazer com que isso acontecesse.

Suas armas estavam prontas. O revólver com as balas de madeira, as estacas pontiagudas, o crucifixo de extremidades cortantes.

Um ruído se fez ouvir, então ao longo da estrada. Ele correu se ocultar atrás de um tronco caído, ao ver a luz dos faróis que vinham rasgando a neblina fina que avançava sobre os campos.

Poderia ser o corcunda, naquele furgão negro, por isso tomou todas as precauções. Empurrou a arma e engatilhou-a. O veículo se aproximou e passou por ele. Hilgenstiller jurou ter visto um casal na boléia.

A camionete se perdeu na próxima curva do caminho. Intrigado, o professor deixou seu esconderijo. Quem seriam aquelas pessoas? O que faziam? Não sabiam do perigo que poderiam estar correndo naquele momento?

Giuseppe Santini e sua mulher, realmente, jamais poderiam imaginar o que os aguardava. Conversavam animadamente. O luar os punha românticos. Ela se aproximou dele o bastante para que seus corpos se roçassem.

Idéias marotas passaram pela cabeça dele e ele prometeu a si mesmo que, na volta, iria parar a camionete em algum lugar ermo e relembrar velhos tempos de namorados.

Na carroceria, levavam verduras, legumes e algumas réstias de alho. A idéia da mulher era trocá-los por uma lata de banha de porco.

Todos, na redondeza, sabiam que os Maretino a preparava da melhor maneira possível.

— Não vamos ficar muito tempo, não? — indagou ela, vibrando aquelas sensações voluptuosas que a assaltavam ao esfregar seu corpo ao do esposo.

Ele a olhou e, no brilho de seu olhar, leu o mesmo desejo que o impacientava.

— Claro que não. A noite está bonita, a lua é muita sugestiva — riu ele, apertando as coxas carnudas da esposa.

CAPÍTULO 8

Drácula agarrara Torg pelos ralos cabelos e erguera seu corpo ensanguentado, jogando-o sobre a mesa. O cheiro provocante do sangue que empapava suas roupas espicaçava o vampiro.

Ele retorceu para o lado o pescoço do corcunda e se fixou naquela veia grossa que latejava compassadamente. Seus lábios se abriram e as presas mortais e malditas se alongaram.

O ruído de um veículo se aproximando o fez estacar intrigado e enraivecido. Foi até a porta. A caminhonete manobrava e estacionava próximo do alpendre. Giuseppe e sua esposa desceram, estranhando a escuridão.

— Lauro! Eh Lauro! — gritou Giuseppe.

O olhar chamejante do vampiro se fixou na mulher que se agarrava ao braço do marido. Ali estava seu repasto, o sangue morno e delicioso que devolveria suas forças.

Caminhou para fora. O vento agitou a capa negra, destacando seu corpo magro contra o fundo escarlate. O casal, sob o luar, não entendeu aparição.

O rugir esfomeado do vampiro, no entanto, os fez estremecer. Quando o luar banhou aquele vulto esquelético e grotesco, com o rosto crispado pelo mais horrendo dos apetites, compreenderam o terrível destino que os aguardava.

Giuseppe empurrou a esposa para trás, numa tentativa patética de protegê-la. Drácula o agarrou pelo pescoço, erguendo-o diante de si e arremessou-o para trás, por sobre a carroceria do veículo.

Depois, olhou a mulher, muda e encolhida, a sua frente. Rosnou ameaçadoramente, enquanto se aproximava dela.

— Afaste-se de mim, satanás — berrou ela.

A gargalhada rasgou o silêncio da noite como uma navalha assassina, fazendo o gado se movimentar com loucura pelo curral e se lançar contra as cercas, arrebatando-as.

O som de seus galopes desenfreados pareceu fazer eco ao grito de horror e desespero que escapava dos lábios da mulher, enquanto Drácula bafejava em seu pescoço, louco pelo seu sangue.

Giuseppe se ergueu na carroceria da camionete, uma réstia de alho enrolada ao pescoço. Ficou olhando aquela cena hedionda, vendo as presas rasgarem o pescoço de sua esposa e, em meio a ruídos grotescos, seu sangue ser sugado com volúpia pelo vampiro.

Gritou em desespero, jogando-se sobre o monstro. A presença do alho fez Drácula hesitar. Santini se debruçou em lágrimas sobre a esposa. Drácula chutou-o, empurrando-o para longe.

Quando o homem se ergueu novamente, aquele urro medonho do vampiro o fez correr instintivamente para longe.

No dia seguinte, seria encontrado pelos amigos, com aquela réstia de alho ao pescoço e uma expressão de pavor ao rosto, completamente doido.

Drácula gargalhou ao vê-lo afastar-se e voltou-se para a mulher, que choramingava e suplicava, tentando estancar o sangue que lhe empapava o vestido.

O vampiro se lançou sobre ela, disposto a não desperdiçar uma gota do precioso líquido.

Desperto pelos ruídos da luta. Torg chegou à porta e deu graças pela aparição daqueles estranhos. Só assim Drácula desviaria sua atenção e não o mataria.

Quando Drácula, finalmente, se saciou e se sentiu forte novamente, atirou para trás o corpo exangue da italiana. Virou-se para Torg, que se encolheu, temendo o brilho que via naquele olhar.

Caiu de joelhos, suplicante e assustado. Drácula gargalhou de puro sadismo, sentido-se o mais poderoso e o mais forte de todos os monstros.

Repentinamente, como uma lufada de vento infernal, um vulto esbranquiçado saltou para o alto da cabine da camionete e urrou medonhamente.

Drácula se voltou olhando seu desafiador. Suas mandíbulas se arreganharam, suas presas brilharam ao luar, seus braços se estenderam, as garras recurvas e ameaçadoras.

— Cavasti! Cavasti, Licorne! — berrou, rodeando o veículo e indo se plantar no pátio.

Não longe dali, com a arma na mão, Hilgenstiller olhava aquela cena fantástica, sem compreendê-la.

De um lado, aqueles dois monstros. De outro, movido pelo instinto carniceiro, Torg se jogava sobre o corpo da mulher e enterrava suas mãos em seu peito, arrancando-lhe o coração gotejante.

Náuseas agitaram o estomago do cientista, que tossiu incapaz de conter o vômito ao ver o corcunda levar à boca e mascar com indizível prazer aquele órgão vital extirpado.

Sua presença fora notada. As atenções se voltaram para ele. Ergueu-se corajosamente, empunhando a arma e o crucifixo de extremidades aguçadas.

— Bestas do apocalipse, venha a mim! Tenho o que precisam — berrou avançando.

Os reflexos do crucifixo eram como setas atingindo os corpos dos dois monstros, que urrando animalescamente, desapareceram na noite.

Um silêncio de morte cercou o professor. Seus inimigos haviam desaparecidos, mas estava certo de que o espreitavam nas sombras.

Aquela casa era o refugio deles. Entrar lá, no entanto, era uma temeridade. O perigo o rondava a cada recanto escuro. Não haveria, porém, outra forma de atacar.

— Não posso enfrentar sombras — murmurou, sentindo calafrios de intenso pavor percorrerem seu corpo.

Seu olhar se dirigiu à camionete. Não estava longe daquele posto de gasolina. Talvez conseguisse lá algum tipo de ajuda. Nesse ínterim, Drácula poderia escapar, como fizera das outras vezes.

Seu dilema era torturante. Aproximou-se lentamente. Junto à camionete, sentiu o cheiro forte do alho. Apanhou uma réstia e enrolou-a ao pescoço. Depois retirou do peito o crucifixo.

Havia fios elétricos, o que demonstrava que a casa estava ligada à rede de energia. Bastaria encontrar um interruptor e tudo começaria a ficar mais fácil.

Avançou para o alpendre. O alho o incomodava, mas sabia que era benéfica sua influência. Olhou para o interior da casa. Seu temor era o corcunda que poderia atacá-lo.

Tateou a parede. A luz iluminou a sala em desordem com manchas recentes de sangue no assoalho. Após um rápido exame, seu olhar se dirigiu para a escadaria.

Foi até lá, apertando com força a arma em sua mão. Subiu um a um os degraus. No alto, encontrou outro interruptor que iluminou todo o corredor.

Havia diversos quartos, mas apenas um tinha sua porta aberta. Caminhou até lá, olhando em seu interior. Parecia ver um corpo feminino sobre o leito. Sua mão tateou a parede, acendendo a luz.

Recuou horrorizado pela cena grotesca. O corpo jovem estava coberto de arranhões e sangue, numa posição indigna e degradante.

Dominado pela piedade, ele avançou, examinando o aposento. Estava só. Aproximou-se do leito. Havia uma expressão muda de dor e medo no rosto pálido da jovem.

Inclinou-se para acomodá-la melhor em seu leito de morte. Um ruído na porta o fez se voltar a tempo de ver o corcunda puxar a maçaneta e bate-la.

No instante seguinte, viu-se trancado no quarto. O corcunda o fechara pelo lado de fora. Examinou então, a fechadura, antes de disparar contra ela.

As balas de madeira, com miolo de chumbo, não produziam o necessário para abrir sua liberdade. Correu, então, para a janela. Era alta demais para arriscar um salto. Estava preso numa armadilha, com um cadáver.

Quando Torg desceu à sala. Drácula estava lá, olhando-o interrogativamente.

— Eu o prendi lá encima, mestre — apressou-se em dizer o corcunda, num tom reconciliador.

— Aquele maldito nos descobriu novamente, mas foi uma tolice o que fez. Será destruído desta vez. Vamos nos livrar dele para sempre.

Um urro lá fora, no entanto, o fez eriçar-se todo e arreganhar os dentes.

— É ela, mestre. É aquela mulher.

— Sim, eu sei. Vou destruí-la, antes de cuidar daquele professor — disse o Príncipe das Trevas, caminhando para fora da casa.

O luar banhava o pátio deserto. O vento deixara de soprar, como que comandado por mãos sobrenaturais. A neblina se fez mais tensa, acobertando a presença dos dois monstros.

Drácula aguardou o ataque, mas apenas o silêncio o agredia. Gritou para Torg.

— Vamos deixar este lugar, Torg. Leve meu ataúde para o veículo.

O corcunda ia se apressar em cumprir a ordem recebida, mas estacou ao ver o vulto disforme que avançava ao encontro de Drácula. O chifre aguçado e ameaçador se agitava no ar, cortando a neblina. O corcunda olhou para o tambor de gasolina que trouxera naquela manhã.

Precisava traçar um círculo ao redor dos dois monstros. Seria a única forma de defender seu mestre, caso estivesse em desvantagem. A qualquer momento Drácula, ameaçado, poderia se transformar num morcego e voar para fora do círculo de chamas. A mulher não restaria outra saída, senão parecer devorada pelo fogo. Tinha muito a fazer, mas ficou ali, parado, observando a cena.

No alto da janela, Hilgenstilller já apontava sua arma para o vulto sinistro de Drácula, quando percebera a aproximação daquela mulher estranha e macabra. Imobilizou-se, atento ao que se seguiria. Urros lancinantes cortaram a noite, enquanto os monstros se mediam, caminhando em círculos.

— Cavasti! — rosou Drácula, a voz revelando a fúria imensa que se apossara dele.

— Não entendo seu húngaro antigo — disse a voz doce e feminina de Naiara — Katou li, Drácula! Katou li — repetiu, começando a gargalhar zombeteiramente.

O uivo do vampiro, mescla de guincho agudo e um roçar desagradável de ossos ressequidos, cortou a noite, enquanto ele se lançava sobre ela. No último momento, porém, desviou seu corpo ao se ver atacado pelo corno pontiagudo. A gargalhada zombeteira explodiu próxima a seus ouvidos. O inimigo era perigoso e ágil, mas não podia haver temor nas atitudes do Príncipe das Trevas.

Seu corpo se envolveu em luz difusa e o grande morcego agitou suas asas, adiantando as garras num vôo aquilino em direção ao inimigo. As unhas pontiagudas se cravaram no rosto de Naiara, arrancando nacos de carne que gotejaram uma matéria pútrida e enegrecida. Ela urrou e seu chifre se projetou contra o corpo do morcego, ferindo-o na coxa.

A fúria de Drácula foi como o abrir dos portões do inferno. Suas garras voltaram a atacar o corpo possuído, arrancando novos pedaços. Seu objetivo parecia ser o coração. No alpendre, mudo de espanto, Torg observava a facilidade com que seu mestre destruía aquela que ousara desafiá-lo. Seu respeito e seu temor cresceram. Ele se apressou então, em atender a ordem recebida, indo arrastar o ataúde para fora da adega.

Lá fora, com metódica crueldade e rápidos ataques, o morcego ia despedaçando o corpo de Naiara. Mesmo a força descomunal do Licorne que a habitava nada podia fazer contra um poder maior. Uma de suas mãos foi levada pelas garras do morcego. Seus seios estavam em pedaços. Ela se debatia, movida por uma fúria cega e inútil, tentando agarrar aquela sombra esvoaçante.

Drácula agora gargalhava zombeteiramente, voltando a sua forma natural. Naiara estava caída de joelhos, ofegante, vencida, mutilada. O morcego-humano se aproximou vitorioso. Sua mão se estendeu, agarrando o chifre longo e pontiagudo, quebrando-o com facilidade. Depois, agarrou o pescoço da mulher e ergueu-se diante de si. Apontou o chifre em sua mão para o coração dela e enterrou-o violentamente, transpassando-a. Ao soltá-la, ela ficou estrebuchando grotescamente, até se acalmar, afinal, destruída. Drácula pisoteou seu corpo, como a consolidar sua vitória.

Um tiro se ouviu e o projétil passou perto de seu ouvido. Ele se voltou. Na janela, no alto da casa, Hilgenstiller disparava contra ele. Afastou-se do campo de visão de seu agressor, mas estacou logo à frente, levando a mão à coxa e gemendo dolorosamente. Um rasgo fora feito em sua pele e em suas

carnes. A dor era violenta. Ele se lembrou de haver sido atingido ali, durante a luta, pelo chifre amaldiçoado.

Torg surgiu à porta, arrastando o ataúde. Ao ver a expressão crispada de seu mestre, correu até ele.

— Fui ferido, Torg, mas você me curará...

— Sim, mestre.

— Leve o ataúde para o veículo. Preciso cuidar daquele professor maldito.

— Ele tem uma arma, mestre.

— As balas nunca me afetaram, Torg.

— Não creio que sejam balas comuns. Ele disparou contra a fechadura, mas não conseguiu arrebentá-la. Talvez balas de madeira, mestre. Drácula ergueu a cabeça. Aquela idéia era digna de seu perseguidor. Balas de madeira representavam um perigo extremo. A distância não seria uma barreira a um ataque mortal.

— Temos de nos livrar dele — disse.

— Há um meio — falou Torg, correndo para a casa.

Drácula o seguiu. Torg foi até a cozinha, de onde retornou rolando um pesado tambor.

— Gasolina, mestre — disse, abrindo a válvula.

O liquido se espalhou rapidamente pela madeira do assoalho. Drácula gargalhou satisfeito. Aquela casa fria se transformar num inferno digno de Hilgenstiller. Como um louco, Torg foi rolando o tambor pelos aposentos inferiores, embebendo a madeira. Depois foi levar o ataúde para o furgão, enquanto Drácula preparava uma tocha.

Lá em cima, Hilgenstiller arrancara uma das traves da cama e a batia contra a fechadura, quebrando-a. Depois usou o crucifixo como alavanca para abri-la. Avançou para o corredor, mas estacou no alto da escada ao sentir o cheiro do liquido inflamável fazer arder suas narinas. Recuou,

quando, num estrondo terrível, o inferno brotou a seus pés. Poucos segundos depois, ouviu o ruído do furgão se afastando. Ainda dessa vez, Drácula escapara.

FIM DO LIVRO OITO

LOURIVALDO PEREZ BAÇAN

O MAGO DAS LETRAS

Atividades:

- Professor de primeiro, segundo e terceiro graus
- Bancário aposentado
- Instrutor de Treinamento Profissional
- Escritor: poeta, contista e novelista
- Compositor letrista
- Tradutor
- Palestrante: Redação Criativa e O Processo Criativo

Publicações:

- Em 1991, participou da Antologia Poesias, Contos e Crônicas, publicada pela FENAE com os resultados do I Concurso Nacional de Literatura, categoria Contos, primeiro lugar, Brasília-DF.
- Em 1995, traduziu a obra "El Contubérnio Judeo-Masónico-Comunista", de José Antonio Ferrer Benimelli para a Coleção "Biblioteca do Maçon", Série: Traduções, Editora Maçônica "A Trolha" Ltda, em dois volumes com o título de Maçonaria e Satanismo, Volumes I e II, Londrina-PR
- Publicou em 1996 a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias

- Em 1997, participou da Coletânea de Poesias Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso, Arte Real Editora e Distribuidora de Livros Ltda, Londrina-PR.
- Publicou em 1998 o livro de poemas Alchimia e em 1999 o livro Redação Passo a Passo.
- Em 2001 editou e prefaciou o livro Os Templários, de Lori Andrei Perez Baçan, Gráfica e Editora Modelo Ltda.
- Publicou em 2007 os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria.
- Entre 1975 e 2005, escreveu mais de 900 textos, publicados em sua maioria, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e livros de bolso com os mais diversos temas, letras para músicas.

L P Baçan - O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasodomagodasletras.net